

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

Jocelaine Fagundes

**POR UMA EDUCAÇÃO INFANTIL DIALÓGICA, NA DIREÇÃO DA
EDUCAÇÃO PARA O PENSAR - COM LIPMAN E FREIRE**

Santa Maria, RS
2023

This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Finance Code 001

FAGUNDES, JOCELAINÉ
POR UMA EDUCAÇÃO INFANTIL DIÁLOGICA, NA DIREÇÃO DA
EDUCAÇÃO PARA O PENSAR - COM LIPMAN E FREIRE / JOCELAINÉ
FAGUNDES.- 2023.
86 p.; 30 cm

Orientador: LUIZ GILBERTO KRONBAUER
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa
Maria, Centro de Educação, Programa de Pós-Graduação em
Educação, RS, 2023

1. Educação Infantil 2. Diálogo 3. Educação para o
Pensar 4. Pensar Certo I. KRONBAUER, LUIZ GILBERTO II.
Título.

Sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFSM. Dados fornecidos pelo autor(a). Sob supervisão da Direção da Divisão de Processos Técnicos da Biblioteca Central. Bibliotecária responsável Paula Schoenfeldt Patta CRB 10/1728.

Declaro, JOCELAINÉ FAGUNDES, para os devidos fins e sob as penas da lei, que a pesquisa constante neste trabalho de conclusão de curso (Dissertação) foi por mim elaborada e que as informações necessárias objeto de consulta em literatura e outras fontes estão devidamente referenciadas. Declaro, ainda, que este trabalho ou parte dele não foi apresentado anteriormente para obtenção de qualquer outro grau acadêmico, estando ciente de que a inveracidade da presente declaração poderá resultar na anulação da titulação pela Universidade, entre outras consequências legais.

Jocelaine Fagundes

**POR UMA EDUCAÇÃO INFANTIL DIALÓGICA, NA DIREÇÃO DA EDUCAÇÃO
PARA O PENSAR – COM LIPMAN E FREIRE**

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade Federal de Santa Maria, como requisito parcial a obtenção do título de **Mestra em Educação**.

Orientador: Prof. Dr. Luiz Gilberto Kronbauer

Santa Maria, RS
2023

Jocelaine Fagundes

**POR UMA EDUCAÇÃO INFANTIL DIALÓGICA, NA DIREÇÃO DA EDUCAÇÃO
PARA O PENSAR – COM LIPMAN E FREIRE**

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado, do Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do título de **Mestre em Educação**.

Aprovado em 04 de maio de 2023:

Luiz Gilberto Kronbauer, Prof. Dr. (UFSM)
(Orientador/Presidente)

Rudinei Muller. Dr. (UFSM)

Tânia Micheline Miorando. Dra. (UFSM)

Santa Maria, RS
2023

“Amparo-me nos ombros dos mestres não apenas porque os admiro e suas obras me entusiasmam, mas também porque tenho a ambição de assim enxergar mais longe”.

Celso Antunes

AGRADECIMENTOS

A Deus...

Obrigada por me ensinar que o importante da vida não é apenas ter sucesso, mas sim, possuir grandes valores...

À minha família...

Em especial ao meu companheiro e meu filho, pela paciência e pelo amor incondicional, que respeitou a escolha, que muitas vezes respeitou a distância, as incansáveis horas de estudos...

Sei que foi difícil, mas consegui superar os obstáculos e perceber que não é impossível...

Aos meus pais e minha irmã...

Agradeço a vocês por esta conquista, pois sempre foram meus maiores incentivadores, com as palavras de incentivos, a confiança depositada em mim, os conselhos amorosos de que tudo iria dar certo e que o estudo e o conhecimento são os melhores caminhos...

A vocês... dedico esta conquista...

Ao professor Luiz Gilberto Kronbauer...

Ao senhor que, cresceu no seu saber e se dispôs em dividir comigo, que desde a época de faculdade, sempre foi gentil e humilde em suas palavras, um docente que tem muito conhecimento e que guiou minhas mãos enquanto elas estremeciam na insegurança do meu aprender.

O senhor é e sempre será este alguém a quem muito devo pelo que sou hoje e pelo o que poderei ser no amanhã.

Ainda, e não menos importante, à banca examinadora...

Pelo interesse, disponibilidade e contribuição valorosa para o enriquecimento de minha pesquisa...

RESUMO

POR UMA EDUCAÇÃO INFANTIL DIALÓGICA, NA DIREÇÃO DA EDUCAÇÃO PARA O PENSAR – LIPMAN E FREIRE

AUTORA: Jocelaine Fagundes

ORIENTADOR: Prof. Dr. Luiz Gilberto Kronbauer

Esta dissertação de Mestrado foi desenvolvida na Linha de Pesquisa/LP1- Docência, Saberes e Desenvolvimento Profissional, do Programa de Pós-graduação em Educação, da Universidade Federal de Santa Maria/RS e visa sistematizar o referencial teórico da “educação para o pensar”, ao estilo filosófico de Matthew Lipman e estabelecer suas possíveis relações com aquilo que Paulo Freire denomina de “pensar certo”, tendo o diálogo pedagógico como questão central em ambos os autores. Na continuidade, pretende-se compreender de que modo a educação para o pensar poderá ser desenvolvida com crianças na Educação Infantil, porque o autor afirma que nessa fase de desenvolvimento infantil as crianças estão mais abertas à aprendizagem e ao desenvolvimento de suas capacidades, bem como da consciência moral. Freire concorda com Lipman quanto a esses aspectos, mas além deles, numa situação diversa da norte-mericana, acentua que essa educação para “pensar certo” leva necessariamente ao pensamento crítico diante do contexto de desigualdades sociais, e que a formação para o exercício da cidadania somente se consolida na práxis de transformação das estruturas sociais que as produzem, conforme a sua proposta de alfabetização como conscientização. Desenvolvemos os pontos comuns aos autores, como a educação para o pensar crítico, mediante procedimentos dialógicos e a similaridades entre o que Freire denominou como “Círculos de Cultura”, no processo de alfabetização, e Lipman de “comunidade de investigação”, na educação das crianças. A prática dialógica faz parte da natureza da filosofia, da educação para o pensar e igualmente da aprendizagem de “pensar certo”, que Freire enfatiza tantas vezes na Pedagogia da Autonomia (1999). Lipman (1990, 1995), Freire (1987, 1992, 1994, 1996), e Vygotsky (1989), e, ainda que a distância, sob as influências da tradição socrática no que se refere à criticidade dialógica, à reflexão e, de modo geral ao humanismo que é sustentado pela estreita relação entre filosofia e democracia serão as referências da pesquisa. Em termos metodológicos é quase que desnecessário afirmar que, por se tratar de uma pesquisa teórica, bibliográfica, ela será de cunho qualitativo, segundo a definição de Triviños (1987). Nesse momento da reconstrução teórica podem figurar exemplos de experiências, de algumas metodologias em sala de aula, mas apenas como suportes para a compreensão teórica da importância dessa proposta de educação para o pensar com as crianças na educação infantil. Essa dissertação poderá ser mais uma contribuição na direção da importância dos procedimentos dialógicos para o desenvolvimento de um pensar mais filosófico e crítico desde os primeiros anos escolares.

Palavras-chave: Educação Infantil. Diálogo. Educação Para o Pensar. Pensar Certo.

ABSTRACT

FOR A DIALOGICAL CHILDHOOD EDUCATION, TOWARDS EDUCATION FOR THINKING – LIPMAN AND FREIRE

**AUTHOR: JOCELAINE FAGUNDES
ADVISOR: PROF. DR. LUIZ GILBERTO KRONBAUER**

This Master's thesis is being developed in the Research Line/LP1- Teaching, Knowledge and Professional Development, of the Postgraduate Program in Education of the Federal University of Santa Maria/RS and aims to systematize the theoretical framework of "education for thinking", in Matthew Lipman's philosophical style and establish its possible relations with what Paulo Freire calls "right thinking", having pedagogical discuss as a central issue in both authors. In continuity, we intend to understand how education for thinking can be developed with children in early childhood education, because the author states that at this stage of children's development children are more open to learning and developing their capacities, as well as their moral conscience. Freire agrees with Lipman about these aspects, but beyond them, in a different situation from the North American one, he emphasizes that this education to "think right" necessarily leads to critical thinking in the face of the context of social inequalities, and that the formation for the exercise of citizenship is only consolidated in the praxis of transforming the social structures that produce them, according to his proposal of literacy as conscientization. We develop the common points between the authors, such as education for critical thinking through dialogical procedures and the similarities between what Freire called "Circles of Culture" in the literacy process and Lipman called "community of inquiry" in the education of children. Dialogical practice is part of the nature of philosophy, of education for thinking, and equally of learning to "think right," which Freire emphasizes so often in Pedagogy of Autonomy (1999). Lipman (1990, 1995), Freire (1987, 1992, 1994, 1996), and Vygotsky (1989), and, albeit from a distance, under the influences of the Socratic tradition regarding dialogical criticality, reflection, and, in general to the humanism that is supported by the close relationship between philosophy and democracy will be the references of the research. In methodological terms it is almost unnecessary to state that, since this is a theoretical, bibliographical research, it will be qualitative in nature, according to the definition of (TRIVIÑOS, 1987). In this moment of theoretical reconstruction, examples of experiences, of some classroom methodologies may appear, but only as supports for the theoretical understanding of the importance of this proposal of education for thinking with children in early childhood education. This dissertation may be another contribution towards the importance of dialogical procedures for the development of a more philosophical and critical thinking since the early school years.

Keywords: Child education. Dialogue. Education for Thinking. Think Right.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Imagem de criança com olhar curioso ao avistar uma joaninha em uma folha verde.....	49
Figura 2 - Ilustração do método de Paulo Freire.....	57
Figura 3 - O pensamento de ordem superior e sua importância no desenvolvimento da criança.....	64

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Novelas filosóficas de Matthew <i>Lipman</i>	52
Quadro 2 – Ligações entre saberes e temas por meio das palavras.....	60

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

FpC - Filosofia para crianças

ECA - Estatuto da Criança e do Adolescente

RS - Rio Grande do Sul

LDB - Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

EMEI - Escola Municipal de Educação Infantil

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
2 BREVE NARRATIVA DA MINHA TRAJETÓRIA E A ORIGEM DO TEMA DE PESQUISA	18
2.1 QUESTÕES DA PESQUISA	22
2.1.2 Objetivos Da Pesquisa	23
3 PROPOSTA METODOLÓGICA	24
4 MATTHEW LIPMAN E O PENSAR FILOSÓFICO	28
5 EDUCAÇÃO PARA O PENSAR E PENSAR CERTO: LIPMAN E FREIRE	38
6 EDUCAÇÃO INFANTIL E DIALOGICIDADE COMO MÉTODO	47
6.1 COMUNIDADE DE INVESTIGAÇÃO: A PRÁTICA DIALÓGICA NA BUSCA DO CONHECIMENTO	54
6.2 CÍRCULOS DE CULTURA – PRÁXIS DIALÓGICA E CONSCIENTIZAÇÃO NA METODOLOGIA DE FREIRE	57
6.3 PENSAR MELHOR E PRÁXIS: PENSAMENTO CRÍTICO, TRANSFORMAÇÃO SOCIAL, DEMOCRACIA E DOCÊNCIA	63
CONSIDERAÇÕES FINAIS	75
REFERÊNCIAS	84

1 INTRODUÇÃO

... o diálogo é uma espécie de postura necessária, na medida em que os seres humanos se transformam cada vez mais em seres criticamente comunicativos. O diálogo é o momento em que os humanos se encontram para refletir sobre sua realidade tal como a fazem e re-fazem (Paulo Freire, 1986, p. 123).

Em um processo dialógico de aprendizagem, ao estilo do pensar filosófico, a prática diária da relação pedagógica docente e discente, em sala de aula, é continuamente confrontada com o contexto concreto. O diálogo e o pensar filosófico acontecem no processo de aprendizado no qual, a prática diária de sala de aula é importante para o diálogo, nessa forma de relação pedagógica, está continuamente entrelaçada com as experiências e os saberes cotidianos dos educandos.

Durante a caminhada de estudos no curso de Pedagogia, na Universidade Federal de Santa Maria, tínhamos seminários de Filosofia, ministrados pelo Professor Luiz Gilberto Kronbauer. Ele apresentava aulas significativas, com muito diálogo com as teorias de grandes autores. Certo dia, ele apresentou um texto que falava da proposta de Matthew Lipman, de educação para o pensar, mostrando que há um “estilo” filosófico de se lidar com os conhecimentos, ainda que não fossem conhecimentos da filosofia. Foi a partir desta aula que surgiu o interesse de aprofundar este tema, o pensar filosófico e o diálogo com alunos pequenos.

Os anos passaram e depois de formada fui nomeada como professora na Escola Municipal de Educação Infantil (EMEI) Dente de Leite Prof^a. Ivani L. Barchet Tessele, da minha cidade, Dona Francisca/RS. Encontrei muitos desafios na prática da sala de aula, especialmente com relação ao diálogo com as crianças, porque a maioria delas não tinha esse hábito, se expressavam de forma agressiva e não sabiam escutar os outros.

Durante essa experiência na educação infantil com a turma do Maternal, já inquietada com esse problema, procurei um curso de pós-graduação em Ensino de Filosofia. Então tive a oportunidade de pesquisar mais sobre as teorias de Matthew Lipman e também de Paulo Freire. Para concluir a pós-graduação, fiz o trabalho monográfico por meio de uma pesquisa bibliográfica com o tema, “A importância do diálogo no ensino de filosofia na educação infantil”.

Antes de aprofundar as teorias e a forma de pensar de Lipman e Freire, apresento algumas inquietações que vivenciei na educação infantil e que de certa forma me motivaram a estudar a proposta pedagógica de Lipman e, a partir daí aprofundar alguns temas básicos e

assim, compreender melhor as implicações, práticas da educação dialógica, ao contar com a contribuição de Paulo Freire.

À medida que fazia as tentativas metodológicas em aula, essas motivações iniciais fizeram-me perceber que era necessário estudar melhor e sistematizar esse referencial teórico da “educação para o pensar” ao estilo filosófico de Matthew Lipman, assim como as metodologias de Paulo Freire que é o “pensar certo” e a dialogicidade da educação.

No percurso, mesmo antes de ingressar no mestrado, fui revisando algumas ideias de Paulo Freire, que foram aprofundadas nos Seminários do mestrado. Logo surgiu o desejo, quase que uma necessidade, de estabelecer algumas relações entre a proposta de Lipman e a Pedagogia de Freire, iniciando concretamente com o que ele denomina de “pensar certo”, retomado reiteradamente na Pedagogia da Autonomia¹ (1996).

Após definir todos os capítulos que o desdobramento da pesquisa exigiu, apresento esquematicamente o que foi pensado para esta pesquisa, através de um constante diálogo entre metodologias e teorias sobre o pensar e dialogar na infância, escola e sociedade.

Na parte inicial, pretendo fazer uma narrativa, ainda que breve, da trajetória de vida e das vivências acadêmicas e experiência docente, que aos poucos, foi amadurecendo essa motivação para aprofundar a educação para o pensar no processo pedagógico da educação de crianças e consolidando a definição do tema. As questões formais da dissertação, como a delimitação do tema, a proposição do problema e dos objetivos da pesquisa e a proposta metodológica, seguem em um segundo capítulo, embora já esteja resumidamente presentes na sequência desta introdução.

Para os capítulos seguintes, proponho-me a apresentar uma sequência coerente de tópicos para uma compreensão da proposta de educação para o pensar, dos seus pressupostos teóricos e de suas finalidades, bem como das relações (im)possíveis com a pedagogia freireana, especialmente em torno da centralidade do diálogo, tanto na “educação para o pensar” quanto em Freire no “pensar certo”.

Ao longo da elaboração da dissertação se mostrou mais apropriado não apresentar os dois autores separadamente, um a cada vez, pelo menos de início. Mas por ora, por questões didáticas, foi necessário iniciar as considerações acerca da “educação para o pensar”, ou de uma

¹ A expressão “pensar certo”, seja como uma exigência da prática docente, seja como uma aprendizagem fundamental para os educandos no processo de sua formação para o pensamento crítico, indispensável à autonomia e ao exercício da cidadania, aparece pelo menos trinta e cinco (35) vezes, só no primeiro capítulo da Pedagogia da Autonomia. Isso significa que esse “pensar certo” é mesmo imprescindível à autonomia de docentes e discente de todas as etapas da educação, de todas as idades e modalidades.

educação com estilo (método) filosófico, que Lipman por vezes denominou também de “filosofia para crianças”, seria mais apropriado à própria metodologia de Lipman denominar isso de “filosofar com as crianças”. Nesse capítulo poderão se entremear questões metodológicas da proposta e pressupostos filosóficos que lhe dão legitimidade.

As aproximações entre a pedagogia freireana e a proposta de Lipman seguem o capítulo de apresentação de algumas questões centrais da conscientização e da definição, da importância e da aprendizagem do “pensar certo”. A partir delas pretendo fazer o movimento de idas e vindas pelos autores quanto às possíveis relações entre as duas propostas.

As afinidades iniciam pela centralidade do diálogo, cujo significado também pretendo aprofundar, salientando as contribuições de ambos para a ampliação da compreensão desse conceito. Mas para Freire, existe uma profundidade filosófica que o caracteriza na qual, o diálogo é necessário para o desenvolvimento pessoal do ser humano, porque é através do diálogo que acontece as reflexões, e assim, surge a necessidade de confrontar ideias e, pensar que o diálogo não é apenas uma opção metodológica simpática ao ‘bom gosto’ pedagógico.

Para Lipman, o diálogo é próprio da natureza da filosofia, o que significa quase que a mesma coisa do que pertencer à estrutura ontológica do ser humano. E o autor retorna às origens gregas da filosofia socrática e, dali, traz o diálogo como algo sem o qual não existe filosofar.

O diálogo é próprio à filosofia, sob o aspecto negativo da crítica e ao longo de todo o processo de busca da verdade. É o diálogo, com sua estrutura de pergunta e resposta, que nos faz pensar, a continuar pensando, que nos mantém abertos ao novo, ao imprevisível e que, assim, provoca o alargamento do nosso horizonte de compreensão, conforme enfatizou Gadamer (1999, p 540).

Hans-Georg Gadamer (1997) disse também que “para perguntar, temos que querer saber, isto é, saber que não se sabe” (p. 535), pois a filosofia da educação, no exercício de dialogar e pensar, visa a compreender o mundo e a existência, auxiliando no caminho das possibilidades que o docente possui tanto de compreensão das pessoas quanto de visão do mundo, na qual por sua vida passou, ou ainda dentro do percurso que construiu através de sua jornada que, aliás, é único e particular, assim cabe ao docente o processo de deliberar sobre as questões que se referem ao exercício diário de seu papel de docente na educação. Diante disto, percebe-se a importância do diálogo e do pensar certo durante a vida escolar.

No capítulo final pretendo partir dos capítulos anteriores e avançar na direção das implicações do “pensar melhor”, “pensar certo” e do diálogo, para a práxis pedagógica na educação em geral independentemente da idade e do nível. Como as propostas de Lipman e de Freire ajudam no desenvolvimento o pensar crítico? E como essas propostas são fundamentais

para tomar decisões e agir no tempo em que vivemos? Será que essa proposta irá ajudar a consolidar uma sociedade que se pretende ser democrática, seja no engajamento das lutas pela transformação da estrutura social, que luta contra as desigualdades sociais, ou seja para refletir sobre a importância da democracia em tempos sombrios. E se não existisse o diálogo? Como poderíamos entender o quão necessário é uma democracia?

Diante disso, as considerações finais, busca-se refletir e dialogar sobre a necessidade de usar o diálogo como algo positivo em sala de aula. Pois é através das interações dialógicas que a criança poderá desenvolver-se melhor e se tornará um adulto autônomo, com opiniões próprias, que respeita as opiniões e se põe a pensar sobre os assuntos.

Considerando a importância do diálogo, possivelmente, Freire concordaria com Lipman, na convicção de que uma educação para o pensar, na qual possibilita às pessoas a refletir e recorrentemente a dialogar, possivelmente poderão adquirir novas experiências do pensamento. Mas o pensar crítico poderá ser, mais praticado quando for oportunizado desde a infância, quando as crianças ainda estão mais receptivas e mais abertas às novas descobertas, menos viciadas em “*Fake News*”, ou com os procedimentos escolares ao estilo de um “Ensino Bancário²”.

Para Lipman, certamente entusiasta da “democracia americana” do seu tempo, o ponto de chegada mais importante desse processo de aprender a pensar é a consolidação da democracia, através da formação de cidadãos capazes de pensar por conta própria e de tomar decisões responsáveis.

Já para Freire (1979) existe uma exigência histórica, na situação brasileira e latino-americana concreta, sem a qual a democracia ampla não é possível. Pensar certo, que é pensar a totalidade de forma crítica e esperançosa, exige engajamento na práxis de transformação das estruturas sociais antidemocráticas, pelo fato de produzirem desigualdades e exclusões.

O diálogo investigativo proposto por Lipman contempla o aspecto epistemológico na busca da verdade e o aspecto moral, no desenvolvimento de atitude, que já são, ao mesmo tempo de uma política democrática. A conscientização em Freire, como podemos ler muitas vezes desde a *Pedagogia do Oprimido* e em outras obras posteriores, somente se efetiva nesse diálogo nos “círculos de cultura” quando leva ao engajamento nas lutas de transformação social.

² A educação se torna um ato de depositar, em que os educandos são os depositários e educador o depositante. Em lugar de comunicar-se o educador faz “comunicados” e depósitos que os educandos, meras incidências, recebem pacientemente, memorizam e repetem. Eis aí a concepção “bancária” da educação, em que a única margem de ação que se oferece aos educandos é a de receberem os depósitos, guardá-los e arquivá-los. (FREIRE, 1987, p. 37)

De modo geral e em conformidade com a motivação inicial, o desenvolvimento deste trabalho ressalta uma forma de educação que se aproxima do pensar filosófico, em torno de uma práxis dialógica, desde a educação infantil. E, diante deste objetivo, surgiu a ideia de desenvolver uma pesquisa bibliográfica para compreender melhor a proposta de Matthew Lipman, suas contribuições para a reflexão crítica e as aproximações que se pode estabelecer com a pedagogia de Freire, enfatizando o “pensar certo” e a autonomia.

2 BREVE NARRATIVA DA MINHA TRAJETÓRIA E A ORIGEM DO TEMA DE PESQUISA

Pensando em uma educação dialógica e libertadora, respeitosa e reflexiva, com intuito de fazer-me autora desta pesquisa, inicio relatando a trajetória que me constituiu até agora. Muito resumidamente relato algumas histórias de minha infância, memórias estas marcada por brincadeiras, risadas e muito diálogo na cidade de Dona Francisca/RS, cidade na qual ainda resido, e que vive meus pais. Eu e meus amigos(as) éramos quase da mesma idade, brincávamos de pular corda, pega-pega, caçador, circo, entre outras brincadeiras na infância.

Ainda, existe o campo em frente à casa de meus pais, para onde levávamos papelões para descer, escorregando morros de terra e gramas abaixo, sentados em duplas ou individuais sobre esses papelões. Nem sabíamos disso, mas era parecido com aquela das dunas do nordeste, onde descem as rampas altas sentados sobre pranchas (Skibunda). A imaginação e a criatividade no brincar eram constantes. Tínhamos uma infância marcada por muitas brincadeiras e aprendizagens, nas quais aprendíamos uns com os outros. Éramos felizes. No intervalo destas brincadeiras, parávamos e conversávamos sobre o que havia dado certo e errado, sempre havia um diálogo de avaliação e revisão de estratégias para as próximas brincadeiras.

Esse foi um tempo importante para a minha constituição pessoal, que me ajudou no processo de desenvolvimento como criança. Além das brincadeiras, houve muitas rodas de conversas com a família e amigos, até porque nesse tempo não tínhamos acesso às tecnologias e os diálogos eram constantes.

Pensando na minha pré-escola, foi um tempo maravilhoso, lembro-me até hoje da minha querida professora (em memória). O ambiente escolar era de muito diálogo, trocas de experiências, e muito aprendizado. A professora respeitava o espaço de cada criança, suas vivências e seus saberes. Ela tinha uma metodologia que contemplava os alunos, posso dizer que era uma pedagogia de respeito e amor ao próximo.

Logo chegaram os anos iniciais, percebi uma mudança extrema, porque percebia uma grande carência de diálogo entre o professor e o aluno. Eu como aluna não me sentia bem para dialogar com a professora, sentia-me bloqueada, devido à postura muito tradicional da professora.

No primeiro ano do ensino fundamental tive uma professora que era muito brava e sem paciência. Eu era uma criança que, em minha inocência infantil aprendeu a sempre ter respeito, por isso, apenas observava as “coisas”, nem me atrevia a pedir informações sobre os conteúdos,

conversava com a professora apenas o básico e o necessário, que era para ir ao banheiro e tomar água.

O início dos meus estudos foi marcado por dificuldades, quase reprovei na primeira série por ter uma demora na aprendizagem da leitura, devido ao bloqueio muito grande na interação com a professora, quando ela pedia para ler eu não conseguia (era insegura, mas na verdade eu tinha medo dela). Mas com o passar do tempo superei esse trauma, e quando lembro desses momentos, reflito sobre o quanto *nós professores marcamos a vida dos alunos*, principalmente quando ainda são crianças. É preciso que o docente seja compreensivo e tenha uma relação respeitosa com as crianças e também com estudantes maiores, adolescentes e jovens, pois os traumas na aprendizagem aparecem com o tempo. Freire diz que, “*ensinar exige saber escutar*”, mais adiante ele relata que, “O educador que escuta aprende a difícil lição de transformar o seu discurso, às vezes necessário, ao aluno, em uma fala *com ele* (1996, p. 58).”

Minha escolaridade foi marcada por experiências educativas permeadas por práticas docentes tradicionais, nas quais nós sentávamos um atrás do outro e ficávamos calados, copiando do quadro o que a professora escrevia. Só falávamos quando tínhamos “autorização”, o diálogo acontecia no “recreio” entre colegas. Sempre lembro de um fato que ocorreu nos anos de 2000 com minha colega de turma, quando estava começando a estudar em uma escola pública da rede estadual do município de Dona Francisca/RS, escola em que concluí meus estudos.

Nesta época, frequentava a primeira série que hoje é o primeiro ano do ensino fundamental, uma colega que não gostava de “conversar” na escola, acredito que tinha medo também da professora, parou em frente à professora e não falava nada, apenas olhava, ela era muito tímida e tinha dificuldades na fala, com isto, a professora ficou também olhando para ela, esperando uma pergunta.

Mas, como a menina não falou, a docente pediu para ela voltar para a sua classe e quando ela foi dar o primeiro passo, acabou “urinando” na frente de todos os colegas da classe. Isto foi muito constrangedor e triste para ela e para nós também. Além de tudo ainda fomos xingados sem ter culpa do fato que tinha ocorrido e proibidos de rir e falar sobre o assunto na escola. Lembro-me desta cena como se fosse hoje, ficou em minha lembrança este momento do primeiro ano. Lembrança que me faz refletir. Por que não existiu um diálogo naquele momento? Falta de empatia e respeito com o aluno!?

Com o passar dos anos, os alunos e professores conversavam um pouco mais, existia um certo “diálogo” para a compreensão de alguns assuntos polêmicos. No ensino médio as disciplinas que mais gostava era Filosofia e Sociologia, porque nessas aulas existiam diálogos,

críticas e desafios, que levavam os alunos a pensar, refletir sobre diversos assuntos, como política, sociedade, democracia, entre outros, que é fundamental debater com estudantes jovens, que estão se preparando para enfrentar o mundo de diversidades ou que já vivem dentro desse mundo. Mas ainda existiam outras disciplinas que seguiam no modo tradicional com algumas interferências de diálogos, muito conteúdo e poucas trocas de conhecimentos.

Ainda existe muitas práticas docentes como aquelas que Paulo Freire (1987), cita no “Livro da Pedagogia do Oprimido” na qual, ele denominou de “bancárias”, isto é, nas quais o educador apenas transmite o conhecimento para os educandos e os mesmos apenas copiam e escutam, não havendo uma interação maior entre aluno e professor. Percebe-se que este ensino foi o que vivenciei no ensino básico e que ainda permanece em muitas escolas.

Depois de concluído o Ensino Médio eu prestei vestibular e passei a cursar Licenciatura na Pedagogia Noturno da UFSM, no ano de 2013. Meu maior objetivo era de ser uma professora de metodologia diferente; uma professora que dialogasse, que escutasse os anseios dos alunos, independentemente da idade, assim sendo mais humana com as crianças, os alunos chegam com sonhos e muitas inquietações nos primeiros anos escolares, o acolhimento e respeito com o aluno é o ponto inicial para uma boa aprendizagem.

Durante a passagem pelo curso de Pedagogia, através das vivências no contexto metodológico de alguns docentes, observava a importância de o professor dialogar com os alunos no contexto pedagógico, pois a valorização do aspecto humano sempre será fundamental.

Mas, como estabelecer um diálogo se você foi “incentivada” a ficar quieta e só escutar? Assim me sentia em algumas aulas, pois faltava domínio de fala, escuta, leitura e pesquisa. Por isso que o assunto de dialogar em sala de aula com os alunos, sempre me inquietou, e, por causa dessa minha experiência negativa que estive na escola, não acredito em um ensino, no qual não existe trocas, diálogo, respeito e consideração para com o outro.

O diálogo é também a melhor forma para ajudar os alunos, desde pequenos, a desenvolver a capacidade de pensar, de “pensar certo”, que vamos tematizar nesta dissertação. Até porque, são as práticas de diálogo que instigam os discentes, a pensar e a compreender aquilo que falam e a fazerem isso em suas práticas da vida cotidiana, pois, é através do pensar reflexivo que se constrói o espaço de exercer o seu modo de pensar.

A educação, assim como a sociedade e a cultura, está em permanente transformação, tanto do ponto de vista social, como do cultural e isso requer, cada vez mais, uma escola consciente de sua função social. Assim fiz a defesa, em 2017, do meu trabalho final de graduação com o tema de “Dificuldades e Possibilidades da prática do diálogo na educação

Básica”, com o objetivo de observar como acontecia a interação e o diálogo entre professor e aluno em diferentes escolas e modalidades de ensino (FAGUNDES, 2017).

A conclusão da pesquisa da qual acabei de citar, foi que a partir das respostas dos professores, obtidas na pesquisa de campo, foi possível perceber que os docentes conseguiam dialogar com seus alunos, mas que muitas vezes os seus alunos ainda apresentavam dificuldades no aspecto de ouvir e escutar, pois, muitas vezes gostavam de prestar atenção nos assuntos que são de seus interesses, deixando de lado outros que seriam de extrema relevância no processo de aprendizagem. Mas percebe-se que muitos docentes possuem uma certa ansiedade de que os alunos aprendam os conteúdos, e às vezes deixam de lado os diálogos e acabam não percebendo que os alunos possuem conhecimentos que são ensinados por seus familiares e que poderá ajudar na aprendizagem.

No ano de 2018, ingressei em uma Especialização em Ensino de Filosofia EAD, pela Universidade Federal de Pelotas. Pensando em uma educação filosófica e dialógica, na qual poderia entrelaçar a prática em sala de aula com crianças e também pensando nas inquietações que os seminários de filosofia trouxeram nos tempos de faculdade, me motivaram a cursar essa especialização.

Neste mesmo ano, passei em um concurso como Pedagoga, então, fui nomeada como professora da Rede Municipal de Dona Francisca/RS, professora na educação infantil, em que passei a trabalhar com a turma do maternal II.

A partir dos momentos vivenciados em sala de aula com os alunos, percebi várias dificuldades entre professor e aluno no aspecto de dialogar. O que fazer quando a criança não quer escutar a professora e os coleguinhas? E quando a professora não está preparada para escutar o aluno? Assim, surgiram várias inquietações sobre o escutar, o falar de um jeito respeitoso e amoroso, dialogar. Também comecei a pensar sobre protagonismo infantil, respeitar uns aos outros, proceder com autonomia no que se diz e no que se faz. Mas como fazer isso? Se em muitas escolas o aluno não tem a vez da palavra? Paulo Freire, afirma que “o diálogo é uma das principais esferas de uma educação libertadora” (FREIRE, 1979, p.12).

Isso fez com que, em minha prática pedagógica, na sala de aula, fosse gradualmente me empenhando para a escuta acolhedora, condição necessária ao diálogo, a começar pela prática e o desenvolvimento da roda de conversa com as crianças. Pois, percebia que na rodinha havia interesse dos alunos de escutar o colega, era um momento interessante da aula. Parece que a própria disposição das crianças em círculo cria um ambiente favorável para que as crianças tenham consideração umas pelas outras, escutem a palavra do outro e aos poucos aprendam que a função da professora na aula não consiste em passar matéria. Ou, lembrando a Pedagogia da

Autonomia, de Paulo Freire, “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção” (FREIRE, 1996, p. 13).

Assim, as “rodas de conversa” vão cada vez mais se assemelhando aos “Círculos de Cultura” da proposta de Freire e também a “Comunidade de Investigação”, de Matthew Lipman, onde as crianças percebem que cada uma tem o direito de contar sua história, de expor suas ideias e também o compromisso de escutar as outras sem distinção. Concretamente, a rodinha de conversa acontecia no começo da aula, para acolher e contextualizar o dia a dia das crianças. Outro momento propício de trocas entre o eu e os outros acontece nas brincadeiras, ou ainda, quando se percebe que existia necessidade para retomar alguns combinados.

Então, foi através do curso de ensino em filosofia e minhas inquietações do passado que surgiu o interesse em pesquisar sobre a filosofia para crianças. No ano de 2020, concluí minha Especialização Ensino em filosofia com o tema; “A importância do diálogo no ensino de filosofia”, através de uma pesquisa bibliográfica em que estudei brevemente autores como Matthew Lippman, Paulo Freire e Lev S. Vygotsky.

Sinto-me orgulhosa de não desistir dos estudos e superar as diversidades e os desafios encontrados no meio do caminho. Sou privilegiada em ter uma família que sempre me incentivou e apoiou até os dias de hoje, principalmente minha mãe que acreditou em meu potencial desde criança. Sou a primeira pessoa da família de meu pai e da minha mãe a cursar e se formar em uma faculdade, assim também a primeira em ter uma pós-graduação e agora cursando um mestrado.

Além disto, sinto-me mais orgulhosa de ser exemplo de superação e dedicação para as pessoas da minha família e de tantas outras que vivem em situações semelhantes, pois, nos dias atuais tenho primos(as) e também minha irmã, seguindo a vida de estudos, cursando faculdade em uma universidade pública com ótimos professores e com um ensino de qualidade. Esta Universidade Pública que me acolheu, assim como ainda está acolhendo milhares de jovens nas mesmas condições sociais, especialmente através de políticas de ampliação de vagas, como o Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNE), e de políticas mais específicas de inclusão social, a UFSM, na qual me formei na graduação e na qual desenvolvi essa dissertação de mestrado.

2.1 QUESTÕES DA PESQUISA

Procurando desenvolver uma pesquisa de base teórico-bibliográfica, percebemos a importância de aprofundar os conhecimentos a fim de compreender como se promove uma educação para o pensar, ao utilizar o estilo filosófico no âmbito escolar com crianças. Assim,

Lippman (1990) afirma que a filosofia implica aprender a pensar sobre uma disciplina e, ao mesmo tempo, aprender a pensar auto corretivamente sobre o nosso próprio pensar.

No decorrer da pesquisa, pretendemos responder o seguinte problema de pesquisa:

- De que modo educação para o pensar³ e pensar certo podem ser desenvolvidos na relação pedagógica com as crianças na educação infantil?

2.1.2 Objetivos Da Pesquisa

É pertinente destacar as ideias centrais que serão discutidas nesta pesquisa. Salienta-se como objetivo geral: *compreender como se promove a educação para o pensar na escola, ao utilizar uma docência mais crítica, voltada ao estilo filosófico, na educação infantil, avaliando as contribuições dos autores Lipman e Freire.*

As leituras, diálogos e vivências foram necessárias para alcançar os seguintes objetivos específicos da pesquisa:

- *Destacar o processo de desenvolvimento de uma educação filosófica para o pensar com crianças, na perspectiva de Matthew Lipman;*
- *Justificar a necessidade do diálogo, ao estilo filosófico, na educação infantil para a autonomia e o exercício da cidadania, destacando a importância do “pensar certo”;*
- *Apresentar reflexões sobre a docência, baseadas na interpretação de Matthew Lipman e a dialogicidade da pedagogia Freireana e sua relação com a educação para o pensar;*
- *Explicitar a contribuição dos reflexos da aprendizagem de pensar de modo filosófico para o desenvolvimento da criança, através de uma docência dialógica.*

A escolha do tema se deu pela proximidade com os alunos da educação infantil, cuja experiência suscita muitas preocupações e indagações em todas as dimensões do aprender e do ensinar, principalmente a sócio-política. Em meio a esses constantes questionamentos que emergem de curiosidades da minha prática e também dos diálogos com as crianças, percebo a importância do aporte da educação de estilo filosófico como um tipo de apoio para a prática do docente e para a educação das crianças que não só iniba, mas que fomente a curiosidade e a participação dialógica na escola.

³ Pensar, é dar ao aluno oportunidades de descobrir suas capacidades, romper os seus limites e permitir que desenvolvam o raciocínio lógico, em todos os aspectos, como o intelectual, social e emocional.

3 PROPOSTA METODOLÓGICA

Refletindo sobre a produção teórica e as propostas pedagógicas de Matthew Lippman e Paulo Freire, salta aos olhos a centralidade do diálogo como método e a possibilidade de sua aplicabilidade nas metodologias para o trabalho docente nas escolas, pelo menos aquelas que acreditam no desenvolvimento integral das crianças na direção da formação de pessoas capazes de pensar em conformidade dialogicamente e com autonomia, atitude imprescindível para uma sociedade democrática.

A partir desse pressuposto, segue uma certa exigência de compreender cada vez melhor. Mas como acontece o diálogo em sala de aula? E como a prática dialógica do aprender a pensar certo e a educação de estilo filosófico podem ser fundamentais no desenvolvimento das crianças? É através desses questionamentos que pretendo indicar caminhos para essa pesquisa bibliográfica, sobre o tema do pensar filosófico e o pensar certo na educação infantil, sem deixar de apresentar, minimamente, os autores e as suas contribuições para essa finalidade, da educação de crianças juntamente com as práticas dos docentes.

Aqui, trataremos do pensar filosófico, tematizando as propostas metodológicas do filósofo Matthew Lipman e de sua coautora, Anna Margaret Spharp. Em seguida, no próximo capítulo, vamos nos ater especificamente à educação para o pensar e a aprendizagem do “pensar certo”, ensaiando interlocuções de Paulo Freire com Matthew Lipman.

Neste caso, pretende refletir mais especificamente sobre a dialogicidade na educação infantil, não só como uma possibilidade, mas como uma exigência ontológica mesmo do ser humano, e, de outra parte, como procedimento metodológico docente, sem o qual não poderia acontecer uma educação libertadora, para a autonomia e para a vivência democrática e tudo que isso pressupõem desde a capacidade do pensar crítico ao engajamento social. Para aprofundar essa questão aparecerão outros autores na conversa, além de Freire e Lipman.

Após isso ser bem explicitado, sinalizamos a complementação do capítulo final, de certa forma fechando a pesquisa bibliográfica com a retomada do “pensar filosófico”, do “pensar certo” e da dialogicidade, para mostrar as implicações e exigências na direção do pensamento crítico como orientação na práxis para a transformação social e as práticas democráticas, tanto na educação quanto na política, mas sempre questionando sobre a práxis docente na escola.

Com o sentido de explicitar o tipo de pesquisa de que se trata, talvez possamos dizer em poucas palavras que é pesquisa teórica, segundo a definição de (TRIVIÑOS, 1987), de cunho qualitativo. Para caracterizar mais especificamente, segundo Gil (2002, p. 44):

A pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos. Embora em quase todos os estudos seja exigido algum tipo de trabalho dessa natureza, há pesquisas desenvolvidas exclusivamente a partir de fontes bibliográficas.

Neste sentido, a pesquisa deste trabalho, pretendeu desenvolver uma reflexão sobre a importância da filosofia nos primeiros anos escolares, assim como o pensar filosófico, o diálogo e à docência. Teve como base teórica as pedagogias e os métodos de ensino dos autores Matthew Lipman e Paulo Freire, assim como artigos científicos de outros autores.

Para o autor Gil (2002, p. 44), “As pesquisas sobre ideologias, bem como aquelas que se propõem a análise das diversas posições acerca de um problema, também costumam ser desenvolvidas quase exclusivamente mediante fontes bibliográficas”. As leituras sobre o tema de filosofia com crianças se farão necessários para buscar a compreensão de como se promove uma educação para o pensar dialógico, ao utilizar o estilo filosófico no âmbito escolar com crianças.

O olhar da pesquisa está voltado à reflexão do pensar filosófico, pensar certo, diálogo em sala de aula e à docência, observando através das leituras, como os docentes poderão incorporar em seu cotidiano, o respeito às individualidades de cada criança, assim buscando através das práticas pedagógicas possibilidades para o pensar filosófico, a crítica e o diálogo com os alunos. Neste sentido, as leituras sobre o pensar filosófico e o pensar certo é fundamental para observar e compreender como os docentes no exercício da prática pedagógica poderão pôr em prática seus saberes e diálogos a fim de alcançar juntos o pensar filosófico e crítico.

Com um olhar cuidadoso na proposta de “educação para o pensar”, de Matthew Lipman, especialmente observando o seu interesse em propor uma forma tão inovadora e desafiadora, na qual se encontra a educação de estilo filosófico desde a educação infantil.

Segundo Paulo Freire (1987), “O educador já não é o que mais educa, mas o que, enquanto educa, é educado, em diálogos com o educando que, ao ser educado, também educa. Ambos assim se tornam sujeitos do processo em que crescem juntos e em que os ‘argumentos de autoridade’ já não valem (p. 44)”.

A esse propósito trazemos para o diálogo as ideias de Freire. Pois desde as primeiras obras até as últimas, seguidamente se refere ao docente como alguém que incentiva a pensar e que aprende com o aluno, através de uma “pedagogia da pergunta”, própria da atitude dialógica entre todos os envolvidos no processo educativo.

Hans-Georg Gadamer (1997) enfatiza a abertura para o novo, para a aprendizagem, como resultado da nossa experiência humana, de abertura para novas experiências, para com

elas aprender, como exemplo de abertura para o diálogo enquanto arte de pergunta-e-resposta.

A pergunta abre novas possibilidades, faz pensar, chama o outro para o diálogo, manifesta disposição em escutar o outro, a palavra do outro. A arte de pergunta e resposta é da essência do diálogo e o seu exercício já é o exercício do direito de dizer a sua palavra, direito à autonomia. Portanto, Freire diz que o diálogo é, como exigência ontológica, que caracteriza a educação libertadora, enquanto forma de desenvolver o pensar crítico pela mediação do mundo comum.

Pensando na formação humanizadora das crianças e também nas fases posteriores à educação infantil, o desenvolvimento mais integral desse ser inacabado que somos, vai se direcionando para a autonomia no pensar e agir. A autonomia no sentido de liberdade positiva, que é esse direito e ao mesmo tempo esse poder que cada ser humano conquista de poder ajudar a decidir o destino histórico da vida social, esse exercício da cidadania política só existe em uma sociedade democrática. Assim, esse é um dos objetivos mais importantes da proposta de Matthew Lippman, a formação de “cidadãos fortes para uma democracia forte”, que soa tão atual e necessário em nosso contexto político concreto brasileiro.

A educação para o pensar é uma educação no sentido mais completo, incluindo a formação da consciência moral e da ação política. Pensando assim, Paulo Freire relatava em suas obras que toda educação de um certo modo é política, e que não existe neutralidade. Pois, enquanto a missão da “educação bancária” é de eliminar a capacidade crítica dos alunos e acomodá-los à realidade, a “educação problematizadora” quer despertar a consciência dos oprimidos, inquietá-los e levá-los à ação (libertação). Freire (1979) descreve “Ao ouvir pela primeira vez a palavra conscientização, percebi imediatamente a profundidade de seu significado, porque esta liberdade, é um ato de conhecimento, uma aproximação crítica da realidade (p. 15)”.

Neste sentido, a educação vai além de ensinar os conteúdos, ela ajuda a estimular perguntas, desperta para a reflexão crítica sobre a própria pergunta, incita a perguntar sobre a própria pergunta, para entender o que se pretende com esta ou com aquela pergunta, em vez da passividade nas explicações discursivas do professor, em forma de resposta e perguntas que não foram feitas.

Assim a educação para o pensar, tem a capacidade de apresentar e estimular a busca do conhecimento dos alunos, no diálogo com as crianças. Segundo Freire expressou no livro da Conscientização, ele aprendeu a comunicação dialógica com seus pais e desde então dialoga com os outros, sobre o mundo e com o mundo. “Com eles aprendi o diálogo que procurava

manter com o mundo, homens, com Deus, com minha mulher, com meus filhos” (FREIRE, 1979, p.9).

A partir dessa aprendizagem ainda na infância podemos entender que a educação para o pensar precisa começar desde pequeno e que isso é possível na prática escolar juntamente com os conhecimentos dos alunos que foram adquiridos com seus familiares. É importante apresentar aos nossos alunos, segundo Brocanelli:

“Oportunidades e mecanismos” que possibilitem às nossas crianças uma formação humana e crítica e, aos nossos jovens, capacidade para discernir suas escolhas de forma que não somente repitam ou copiam o que a ideologia dominante impõe, mas que tenham um pensamento próprio e mais próximo a maturidade (BROCANELLI, 2010, p. 105).

Para desenvolver o pensamento próprio é importante desenvolver o processo educativo entre professor e alunos aconteça de forma dialógica. Assim as escolas poderão construir ambientes escolares nos quais os educandos possam ter voz e vez no diálogo e, desse modo, sejam sujeitos no processo de sua formação, bem no sentido das expressões de Freire, “ninguém educa ninguém, ninguém se educa sozinho; nos educamos na comunhão...” e de Gadamer, “educação é educar-se”.

Os alunos precisam ser instigados a todo momento em pensar e dialogar com seus colegas e professores, por que, assim, poderão aprender a respeitar o próximo, dialogar sem ofender, criar conceitos, criticar e poderão ter um olhar diferenciado em assuntos como democracia, política, respeito, humanidade, diálogo, linguagem, entre outros assuntos que exigem um olhar crítico.

4 MATTHEW LIPMAN E O PENSAR FILOSÓFICO

O filósofo Matthew Lipman, norte-americano, foi reconhecido como fundador do método de filosofia para crianças. A partir de suas experiências como professor na “Columbia University”, na qual ele passou a ministrar aulas de lógica, no ano de 1956, assim o filósofo resolveu desenvolver uma filosofia para os jovens e crianças. Pois, ele constatou nesta época uma grande dificuldade dos alunos para raciocinar, por isso procurou trabalhar as habilidades de raciocínio através do ensino da lógica.

O tema filosofia para crianças passou a ser discutido por Lipman a partir do ano de 1969, no qual, Lipman estava insatisfeito com o sistema educacional norte americano, assim foi denominado para ele, “Paradigma padrão da prática educacional normal”. Segundo Lipman (1995b) esse paradigma seria a transmissão de conhecimento que os professores transferiam para os alunos. Nesse contexto, os alunos não são estimulados a pensar e sim a reproduzir conhecimentos. O termo Paradigma Reflexivo da Prática Crítica possui relação com a Escola Progressista (Escola Nova) de Dewey e ao termo Paradigma Padrão da Prática Normal corresponde à Escola Tradicional.

O autor procurou elaborar um “paradigma reflexivo da prática educativa crítica”, assim superando o paradigma tradicional. O paradigma reflexivo estava sendo pensado no diálogo, na crítica e na reflexão de pensamentos. O seu Programa de Filosofia para Crianças, modelo reflexivo da prática educativa, denominado de paradigma reflexivo da prática crítica, vem propor a superação do paradigma padrão da prática normal. O Programa apresenta dois objetivos gerais bem definidos: a iniciação filosófica e o cultivo das habilidades de pensamento das crianças.

Matthew Lipman teve algumas influências com o passar de seus estudos. Dentre eles se destacaram Sócrates, Platão, Piaget, Vygotsky, assim como o pragmatismo de Charles Sanders Peirce e John Dewey.

Na sua prática docente, Matthew Lipman observou a dificuldade que os jovens encontravam em raciocinar, então ele dedicou-se a pesquisar e procurou desenvolver nos alunos habilidades de raciocínio através da lógica. Segundo o relato do próprio Lipman, foi convidado por mães e pais de estudantes de uma escola de nível médio para fazer uma palestra em que abordasse o problema da dificuldade dos jovens em compreender os conteúdos das matérias que estudavam na escola. Essa dificuldade é uma realidade muito comum no ensino até hoje, pois os jovens estudantes até podem saber de cor as fórmulas das ciências da natureza e fazer cálculos, mas sem a compreensão do que isso significa.

Saber algo é muito mais do que haver memorizado para repetir apenas. Lipman se inquietou muito com a angústia das mães e então passou a pensar numa forma de fazer frente a essa dificuldade, preparando melhor os jovens para as habilidades de pensamento, como: raciocínio, juízo, estabelecer relações, definir conceitos, fazer inferências e aplicações do geral ao particular, generalizar, entre outras.

A educação para o pensar, desde as séries iniciais poderia ser uma boa tentativa de fazer frente ao problema. Portanto, a proposta de Lipman não é resultado de um idealismo filosófico ou de uma defesa da importância do ensino da filosofia. Ela é uma tentativa de responder a uma dificuldade concreta, um problema concreto de aprendizagem. O professor Lipman, juntamente com sua colega e co-autora de vários livros, Ann Margaret Sharp, começaram a pensar em uma proposta de formação filosófica para crianças e adolescentes para ajudar a resolver esse problema. Segundo Lipman (1995, p. 19), “A escola é um campo de batalha pois é, mais que qualquer outra instituição social, aquela que fabrica da sociedade do futuro [...]”.

O ensino da filosofia nas escolas tornou-se um tema em questão, fato este que fez com que pesquisadores e educadores de vários países estudassem e pensassem a respeito da importância da filosofia. Para Lipman (1990, p. 112) “não há qualquer problema em permitir às crianças que se envolvam com a filosofia, pois, para ele, a diferença entre filosofar das crianças e o de um filósofo especialista seria apenas de grau e não de gênero”.

Quando trabalhamos a filosofia com as crianças na infância, percebe-se que elas têm um diálogo natural para a curiosidade, indagação, admiração, reflexão e discussão. Pois esses são os traços cognitivos que as crianças procuram compreender os significados das ações e palavras das pessoas na qual convivem. Segundo Kohan

Serão as crianças que construirão suas filosofias e seus modos de produzi-las. Não é mostrando que as crianças podem pensar como adultos que vamos revogar o deserto de sua voz. Pelo contrário, nesse caso haveremos cooptado, o que constitui uma outra forma de silenciá-las. Seria mais adequado preparar-nos para escutar uma voz diferente como expressão de uma filosofia diferente, uma teoria de conhecimento diferente, uma ética diferente: aquela voz historicamente silenciada pelo simples fato de emanar de pessoas estigmatizadas na categoria de não adultos (KOHAN, 1999 p. 70).

Pensando em filosofia e infância, questiono-me: qual o tipo de filosofia que as crianças poderão fazer? Por mais que haja diferença nas fases da infância e da adulta a criança demonstra em suas falas indagações, curiosidades sobre sua vida e seu dia a dia que são questionadas entre adultos, tanto na escola ou em sua família e nos coloca a pensar os questionamentos. O docente

que está na condição de escutar e respeitar seus alunos percebe a grandeza e pureza dos pensamentos de uma criança e se põe a pensar e questionar sobre.

No ano de 1974, o filósofo Lipman, juntamente com sua colaboradora, Ann Margaret Sharp, criaram um “Instituto Avançado de Filosofia para Crianças”, assim Lipman começou a introduzir o ensino da filosofia no ensino básico e primário.

Em uma entrevista⁴, disponível na plataforma do *youtube*, Lipman relata que “o papel da narrativa” é fundamental e tem um grande papel na vida das crianças. Pois “a narrativa ela se desenvolve como uma criança”. A filosofia para crianças busca o desenvolvimento da criança e como ela se desenvolve e se torna. Lipman, afirma que, na criança há uma comunidade de sentimentos, uma comunidade de relacionamentos entre histórias e crianças.

O filósofo Lipman, desenvolveu as novelas filosóficas, com intuito de demonstrar para as crianças que elas poderão resolver os problemas de seu cotidiano e enfrenta-los através do julgamento razoável usando o diálogo e o pensamento como algo importante em suas vidas, por tanto, a criança na qual o filósofo apresenta em suas novelas filosóficas é, uma criança que exerce seu pensamento, que tem um pensamento razoável. Segundo Lipman “quase nunca vemos uma criança razoável na televisão ou na literatura infantil”.

Lipman em sua pesquisa procurou não só acentuar, o lado da criança emocional e a violência da criança violenta, ou a criança problemática, e desenvolveu durante seu estudo, as novelas filosóficas e a comunidade de investigação, com o intuito de observar e apresentar às crianças uma nova maneira de raciocinar, dialogar e pensar.

Em uma outra entrevista,⁵ Matthew Lipman afirmou que “existe uma relação muito estreita entre filosofia e democracia”. Pois, não era uma questão de filosofia adulta e democracia adulta. No entanto ele afirmava que tentava desenvolver cidadãos democráticos para usar o sistema educacional, e assim dar forma e moldar o caráter individual das crianças, a fim de se tornarem cidadãos fortes, numa democracia forte, então a filosofia para crianças tem um grande mérito.

Mas a questão mais importante é que um cidadão precisa ser capaz de usar a sua capacidade de pensar e julgar. Além de saber tomar “decisões”, decisões justas, críticas e criativas, o cidadão saberá também agir do mesmo modo. Lipman acreditava que as crianças são inteligentes, e que podem pensar abstratamente desde cedo, deste modo ele acreditava que

⁴ Disponível em < <https://youtu.be/hHRrct8SrcI>>, acesso em 18 jul. 2022.

⁵ Disponível em < <https://youtu.be/K-f2QK6jrAU>>, acesso em 18 jul. /2022.

incluir a lógica nos primeiros anos da escola, poderia melhorar a habilidade dos alunos de raciocinar sobre diversos assuntos.

Matthew Lipman tem inspiração socrática e a ela acrescenta o espírito pragmático da filosofia americana, especialmente de John Dewey. E dessa junção é que surgem os objetivos da “filosofia para crianças”⁶. O autor ressalta que “o maior desaponto da educação tradicional é o seu fracasso em produzir pessoas que se aproximem do ideal de racionalidade”. Pois o seu pressuposto básico é de que a educação “tradicional”, que visa na transmissão dos conhecimentos, torna-se impossível ajudar as criança serem racionais.

Na perspectiva de Lipman (1990, p.23), a filosofia pode perfeitamente ser trabalhada com crianças, desde que lhes seja apresentada “como algo agradável” e interessante, pois sem isso, dificilmente os alunos serão motivados a praticá-las. Deixando assim, a aula de filosofia como uma comunidade de investigação, que se caracteriza pelo diálogo constante entre professor e aluno.

A disciplina de filosofia nos tempos de hoje está incluída no currículo escolar, estando como disciplina do ensino médio e em algumas escolas no ensino fundamental. Mas percebe-se, que existem poucas escolas do ensino fundamental que trabalham a disciplina de filosofia em seu currículo. Assim, são poucas escolas, que possuem um pensamento voltado ao ensino de filosofar, na qual, o refletir sobre questões fundamentais da vida humana, algumas propostas pedagógicas e de vida de Mattew Lipman e o seu programa de Filosofia para crianças são importantes para o pensar e refletir na vida.

A “Filosofia para as Crianças” (FpC), a partir da concepção de Lipman, tem por objetivo introduzir de forma intencional e sistemática a investigação filosófica na formação das crianças desde os primeiros anos da educação formal e informal. Além disto, ela dá à criança uma organização: um ser que *pensa*. Esta expressão é interessante e exigiria desenvolvimentos como (o que é o homem?), talvez ultrapassaria a presente ideia. Mas, partindo simplesmente de uma definição do verbo pensar: do latim *pensare*, pensar, é organizar ideias em seu espírito, formas opiniões, construir noções, pela reflexão ou pela atividade da inteligência.

Mas, acredita-se que de nada adianta ter filosofia no currículo se o professor não tem uma metodologia filosófica de trabalho na própria filosofia. Assim como se poderia ter em matemática, história física, geografia, entre outras disciplinas. Pensando sobre a metodologia filosófica, as formações pedagógicas são necessárias para ajudar neste processo, mas o docente precisa estar ciente que o diálogo e a interação em sala de aula se faz necessário.

⁶ Para Lipman, “Filosofia para crianças”, é o estimular os alunos a pensar por si mesmos (LIPMAN, 1990, p.117)

O que faz a diferença é o estilo de ensino, é filosofar sobre um assunto ao em vez de ensinar respostas filosóficas prontas, como é comum no ensino tradicional. E a essa altura já está implícito que o filosofar é inseparável do diálogo.

Lipman se refere muitas vezes à importância do ambiente na sala de aula, que ele denomina de Comunidade de Investigação⁷, que precisa ser dialógica com a participação contínua dos alunos. Mais detalhadamente, a comunidade de investigação é formada por grupos de pessoas que investigam dialogicamente um determinado assunto, supondo, portanto, um objetivo comum ao grupo nesse momento da aula. Segundo LIPMAN (1994), na comunidade de investigação, apesar da abertura dada aos alunos, o professor é aquele que orienta a discussão para que, antes de qualquer afirmação definitiva, os alunos tenham a chance de expor suas próprias ideias (p. 72).

Lipman (1960), para desenvolver a ideia da “Filosofia para Crianças”, criou o que chama de “Pedagogia da Comunidade de Investigação”. Nesta perspectiva, a sala de aula tradicional poderá ser transformada em uma Comunidade de investigação com a participação de crianças e professores, num diálogo sobre os problemas em questão, como conceitos de fundo de nossa existência, questões existenciais que são centrais, comuns e controversos, situações concretas do nosso dia a dia.

O diálogo filosófico⁸ seria a pedagogia do pensar, ou seja, do pensar dialógico, crítico, criativo, ético e político. Através desta prática de filosofia na qual as crianças formam as atitudes democráticas, acabam tornando-se cidadãos críticos e reflexivos perante a comunidade escolar.

O autor acreditava que, “Na infância é que a mente está aberta a aprendizados importantes para o prosseguimento da vida, e ainda mais para a formação humana (LIPMAN, 1960)”. Por isso que, pensar filosoficamente e desenvolver a atitude filosófica nos alunos desde a infância é o intuito de formar pessoas com capacidade reflexiva, que tenham um olhar crítico e que saibam escutar o outro.

Mas falar desse modo de ensino de filosofia e de sua importância na busca de autonomia, é propor uma verdadeira mudança cultural, mudança de visão de mundo, de paradigma. O ensino da filosofia requer que estejamos abertos ao novo, à experiência vivida por outros,

⁷ A comunidade de investigação permite a participação de todos e a troca de experiências; o outro é ouvido, aprende-se com o outro, constrói-se sobre as ideias do outro e há o respeito sobre o pensamento do outro. (LIPMAN, 1990, p. 168).

⁸ Para Lipman, “diálogo filosófico”, isto é, aquele que é impulsionado por um “espírito de investigação” e guiado por “considerações lógicas e filosóficas”, no qual os participantes percebem “a necessidade de serem racionais em vez de controversos”, tornando-se, assim, “autocríticos e responsáveis” (LIPMAN, 1990, p. 150).

sempre tendo como base uma tradição de pensamentos filosóficos. O caminho da mudança pela educação filosófica passa pelo esclarecimento e consolida-se na íntima relação entre saber, poder, cultura e transformação, isto é, passa pela emancipação do indivíduo. Walter Kohan, diz que:

A filosofia contribui para se manter aberta sempre a pergunta pelo sentido de como vivemos e do que fazemos [...]. A filosofia é ela mesma transformadora, seu exercício impede o continuar pensando da forma em que se pensava. A filosofia serve ao pensamento, à sua própria lógica problematizadora, sem que isso signifique que preste uma utilidade definida externamente. (KOHAN, 2000, p. 189).

Filosofar dentro da estrutura escolar com as crianças é apresentar algo novo, ajudando a capacitá-los para o debate, para a confrontação de ideias, para o questionamento, para o não conformismo diante dos fatos. Por isso, é ensiná-los a dizer não, e fazer com que exijam participação no processo de criação do indivíduo, de uma nova relação entre pessoas, instituições e os porquês de tais relações.

Buscar um ensino filosófico, condizente com a idade, dentro das experiências de cada um, aberto ao questionamento, à angústia, ao novo, é querer uma filosofia viva que possa entender a si mesmo em primeiro lugar. Um ensino filosófico que questione as certezas, o instituído, que capacite indivíduos para a reflexão e para as diversas leituras e posicionamentos tomados diante dos fatos, entendendo a vida em um todo.

Na sala de aula, as crianças da educação infantil e suas interações umas com as outras vão ao encontro de várias práticas sociais que aprenderam através de suas culturas, conhecimentos diferentes, existindo outras narrativas tradicionais que possam ser demonstradas através da maneira de falar, de dançar, a pintura e do modo de se socializar com o meio em que vive.

Embora sejamos seres biológicos sociais, precisamos, através do convívio, aprender a nos relacionar com as pessoas e para acontecer isso, aprendemos enquanto crianças. Logo, esse é o grande objetivo da primeira infância e uma grande tarefa da educação que é realizar em suas práticas cotidianas, oferecer o melhor para que as crianças possam aprender e se desenvolver assim, podendo lidar com o mundo que as rodeia

Mas, vemos que são nas tarefas do dia a dia, aquelas que realizamos junto das crianças, que produzimos e veiculamos concepções de educação. Logo, essas concepções não acontecem simplesmente na transmissão da informação, mas se efetivam em vivências e nas ações do cotidiano através da educação familiar, do meio social e de uma educação infantil, que tem um significado ético e que pensa no desenvolvimento da criança.

Deste modo, é através do diálogo, da fantasia e das experiências vivenciadas que esperamos um mundo que seja mais acolhedor. Na condição de que cada criança, a partir de seu mundo prévio, se apresenta com espontaneidade, expõe suas ideias e é influenciável pelas opiniões dos outros. Será que só depende do ambiente escolar e de cada docente desenvolver a interação dialógica na sala de aula?

A educação infantil ou a primeira infância tem o propósito de vivenciar a possibilidade das crianças de estar em comunidade, assim, aprendendo a respeitar, a celebrar a diversidade e acolher o próximo, convidando o sujeito a sair de seu universo pessoal e se voltar com um olhar de que acolhe o universo social.

No entanto, é de extrema significância o docente levar em consideração as vivências, dos alunos e desenvolver um planejamento que possui uma relação de carinho, respeito e harmonia com os alunos. Assim, segundo Lipman, pensam-se em estratégias para a melhora de toda a educação, proporcionando uma maior qualidade educacional, para todos que nelas acreditarem.

A qualidade educacional está voltada para a inter-relação da escola com a vida do aluno, pois, durante os primeiros anos da infância da criança, a vida delas é cheia de significados. Em todo momento novas descobertas e novas aberturas para relações com o mundo e com os outros e com muito sentido para elas. Segundo Lipman, até mesmo a escola, no início, está cheia de sentido, mas, com o passar do tempo, desaparece o encantamento, o que desestimula a participação delas na sala de aula, passando a aprender somente para passar nos exames (LIPMAN, 1994, p.31).

Mas para estimular os alunos a buscarem significados, segundo as teorias de Lipman, seria o contato com um ambiente de investigação e dialógico. Neste ambiente os alunos poderiam descobrir significados e sentido ao que aprendeu em sala de aula com os colegas e professores, é uma busca constante do novo, na qual todos aprendem e ao mesmo tempo ensinam sobre o que aprenderam. Isso não seria exatamente ler textos ou temas da filosofia, mas ter a presença de textos que incentivassem as crianças ao diálogo e à investigação. Segundo Lipman (1994):

Quando as pessoas **se envolvem num diálogo**, são levadas a refletir, a se concentrar, levar em conta as alternativas, a ouvir cuidadosamente, a prestar muita atenção às definições e aos significados, reconhecer alternativas nas quais não havia pensado anteriormente e, em geral, realizar um grande número de atividades mentais nas quais não teria se envolvido se a conversação não tivesse ocorrido (p. 44).

O diálogo compromete os interlocutores, além disto instaura confiança em si e nos outros, é colaborativo e fundamental na vida das pessoas. Por isso ele é fundamental nas aulas,

especialmente no sentido de desenvolver a arte de pensar, de interagir melhor, de argumentar e, aos poucos, dar as razões de suas afirmações.

Tanto para as crianças quanto para as professoras/es, no diálogo entre as crianças que poderão aparecer o que elas pensam sobre um determinado assunto em discussão, suas dúvidas e seus questionamentos do assunto até aquele momento. No diálogo aflora também o mundo subjetivo de cada interlocutor, as capacidades e limitações. Também por isso que existe a prática dialógica que é de suma importância e seria de se esperar que as aprendizagens propostas às crianças e estudantes maiores tivessem o diálogo pedagógico como forma de procedimento.

As aprendizagens que são propostas em sala de aula, deveriam ou poderiam vir acompanhadas de muito diálogo, os alunos precisariam fazer mais perguntas e questionamentos, só assim eles estariam na condição de entender e aprender. É essencial ter em mente que o diálogo é o melhor caminho para ser percorrido em sala de aula e uma forma até eficiente para desenvolver as capacidades das crianças, que Lipman por vezes denomina de habilidades e competências. Segundo o autor, “habilidades de raciocínio são competências em áreas como classificar, definir, formular questões, dar exemplos e contraexemplos, identificar similaridades e diferenças, construir e criticar analogias, comprar, contrastar e tirar inferências válidas”. (LIPMAN, 1990, p. 99).

As crianças em muitos momentos dialogam e julgam certos assuntos que acontecem no seu cotidiano, ou seja, colocam-se em questões sobre a verdade, a justiça, as regras, a realidade, a bondade, a amizade. Neste caso, seria interessante ter uma educação filosófica para tratar destas questões e, simultaneamente, aprender os processos do raciocínio e do julgamento. Neste caso, o professor tem uma tarefa principal que é de criar condições para que as crianças aprendam os conceitos de forma reflexiva e não de modo mecânico.

A Filosofia poderá ser trabalhada com alguns conceitos que em muitas ocasiões nem sempre estão presentes nas escolas. Matthew Lipman afirmou que as crianças possuem uma tendência natural para a filosofia. Por que será? Segundo Lipman, “Se a principal contribuição da criança ao processo educacional é seu caráter questionador, e se a filosofia é caracteristicamente uma disciplina na qual se levanta questões, então a filosofia e as crianças parecem ser aliadas naturais” (LIPMAN, 1994, p. 50).

A filosofia e o seu real papel na escola é o de estabelecer conexões entre as disciplinas para que os assuntos de cada uma delas não continuem segmentados como está nos livros didáticos. Os alunos possuem várias questionamentos e curiosidades em relação a assuntos da natureza, éticos e de conhecimentos que transcendem os conteúdos oferecidos nas disciplinas,

na qual é importante as crianças serem incentivadas a perguntar. Por isso, a filosofia é uma disciplina central, a qual ajudará entender as outras disciplinas.

A peculiaridade da filosofia é que as questões que ela levanta se referem á natureza do conhecimento humano de uma maneira, por assim dizer, diretamente relacionada com a distribuição dos assuntos não filosóficos. Isto é, de acordo com a corrente divisão do conhecimento humano em disciplinas como ciências físicas, ciências humanas, matemática, história, e assim por diante, as crianças devem ser incentivadas a fazer perguntas como: o que é colonialismo? O que é gravidade? O que é divisão? (LIPMAN, 1994, p. 51).

Pensando na citação de Lipman sobre filosofia e conhecimento, em que surge a criatividade, ambas fazem parte de uma estrutura, como se fossem um conjunto, na qual pensar é um processo contínuo no aluno que faz o raciocínio filosófico.

Quando o/a professor/a propõe atividades investigativo-filosóficas, as crianças são convidadas a pensar sobre o próprio pensar, refletindo e tirando suas próprias conclusões ao se envolverem com situações presentes na filosofia, tais como identidade, imaginação, verdade, certo e errado, amizades, entre outras. As crianças também aprendem a fazer ligações e estabelecer relações entre as disciplinas e outros diversos assuntos que surgem na sala de aula.

As trocas de experiências possibilitam uma melhor compreensão, na leitura do cotidiano e do mundo. Lipman afirma que as crianças têm uma tendência natural à filosofia: “Se a principal contribuição da criança ao processo educacional é seu caráter questionador, e se a filosofia é caracteristicamente uma disciplina na que levanta questões, então a filosofia e as crianças parecem ser aliadas naturais” (LIPMAN, 1994, p. 50).

Tanto Freire quanto Lipman salientam que o diálogo e o socializar é despertado desde os primeiros anos de vida da criança. Desde o nascimento, as crianças aprendem e se socializam a partir das interações, ações e relações que estabelecem com as pessoas adultas ou crianças e, com o mundo que as envolve. E essas ações acontecem nas práticas afetivas e efetivas da vida social no cotidiano de cada cultura. O encontro ativo com outras pessoas oferece uma constelação de significados que ao passar do tempo a criança vai se apropriando, singularmente, em seu desejo e necessidade de conhecer o mundo.

Pois é na primeira infância que a criança possui mais contato com seus familiares e pessoas próximas e assim, são despertadas para o diálogo e a socialização.

Lipman diz que:

A criança que cresce na família tem sua curiosidade despertada pela aventura das conversas familiares e aprende a “reconhecer as vozes” e a “distinguir os momentos certos quando se fazem declarações” passando paulatinamente a iniciar-se no “desenvolvimento da capacidade e participação” deste diálogo contínuo. (1995, p. 35).

A partir dessas considerações pode-se afirmar que o diálogo em sala de aula é um ponto positivo nas práticas pedagógicas. Por meio do diálogo que ocorre a compreensão dos alunos, as aprendizagens fazem mais sentido e as aulas são mais proveitosas e mais envolventes porque também as crianças gostam de trocar experiências entre elas e isso é fundamental para elas. Só para mencionar Vygotsky (1989), desse modo se oportuniza que as crianças se entrem ajudem nas aprendizagens e uma faça a outra avançar para além do que ela conseguiria por si só, lembrando o conceito de “zona de desenvolvimento proximal” (ZDP).

Mas seguindo o projeto desta pesquisa vamos na sequência ensaiar a possível relação e complementaridade entre a proposta de educação para o pensar de Lippman e a insistência de Freire acerca de “pensar certo”, retomada reiteradamente no primeiro capítulo da Pedagogia da Autonomia e apresentada como exigência da atividade docente, que, por sua vez depende da formação inicial e continuada de professores.

Na perspectiva de Lipman também está pressuposto esse “pensar certo”, mas a expressão que ele usa é “aprender a pensar melhor”, o que para ele implica a exigência de uma formação filosófica consistente e aberta, que prepare educadoras/es infantis ou de qualquer outro nível da educação básica, habilitando-os para formas de ensino e de proposição de problemas que levem os educandos a pensar melhor e a pensarem por si mesmos, dada vez com mais autonomia. Lippman entende que isso não é possível sem uma boa formação filosófica.

O traço metodológico comum aos autores é que a educação para o pensar precisa ser necessariamente dialógica, na acepção socrática do diálogo, a que dedicarei o próximo item desse capítulo. Quanto ao aprender a “pensar certo”, iniciarei apontando as passagens da referida obra dos autores, Lipman e Freire, em que eles retomam a expressão e a cada vez acrescenta mais elementos à definição.

5 EDUCAÇÃO PARA O PENSAR E PENSAR CERTO: LIPMAN E FREIRE

Para compreender a importância do diálogo com crianças, primeiramente percebe-se a necessidade de estudar o que é o diálogo no âmbito da filosofia. O que é o diálogo? O diálogo para filosofia representa, primeiro em Sócrates, e depois em Platão, o processo de busca da verdade através de perguntas e respostas.

O diálogo em Paulo Freire é um fenômeno humano e, conforme a visão deste autor “[...] revela-se como a essência da educação” (BORGES, 2008, p. 212). Para Freire, “Se não amo o mundo, se não amo a vida, se não amo os homens, não me é possível o diálogo. Não há, por outro lado, diálogo, se não há humanidade (FREIRE, 1987, p. 51). Assim, Freire apresenta uma educação dialógica. Ou seja, é necessário existir a prática do diálogo para que a educação possa acontecer?

Neste sentido, como professora da rede municipal, concordo com os autores que é através do diálogo e das relações sociais que os alunos e professores aprendem mais sobre si mesmos, aprendem sobre o outro e entendem sobre o mundo. Parece ser algo complexo quando se fala em “mundo”, mas é necessário usar o diálogo para aprender o novo, o imaginário e os porquês que existem em nossa vida. Concordam?

Assim, pode-se compreender que a prática do diálogo poderá ser estabelecida durante o processo ensino-aprendizagem em sala de aula e principalmente nos primeiros anos escolares. Porque é através das relações estabelecidas pela criança desde a infância, que poderão ocorrer as interações na escola, ou em casa com seus familiares, podendo ser por meio de brincadeiras, através do diálogo que permite várias possibilidades de compreensão e certa leitura do contexto, pois assim, a criança estará explorando momentos significantes em sua vida.

A educação infantil é a primeira etapa da educação básica. Alguns autores como Vygotsky, Piaget, Maria Montessori, Lipman, Paulo Freire, acreditam que é nesta fase que as crianças estão mais abertas ao desenvolvimento de habilidades físicas, cognitivas, sociais e morais, que são fundamentais no processo de construção da sua identidade. Além disto, as crianças possuem uma identidade singular, possuem um jeito de pensar e sentir, por isso é um desafio conhecer, compreender e reconhecer como as crianças interagem com o mundo. Desse modo, é importante praticar com os alunos o diálogo, pois é através deste que o professor conseguirá introduzir a filosofia como um suporte no desenvolvimento das crianças.

É nesta fase da educação infantil que os alunos estão aprendendo o que significa “não” ou “esperar a sua vez”, pois, como são crianças pequenas, muitos agem no impulso e não sabem ainda dialogar com colegas e professores. Uma atitude recorrente que podemos perceber é o

uso de agressividade, por exemplo: por meio de mordidas, tapas e puxões de cabelos. Então, cabe questionar: o que é um diálogo?

É uma relação horizontal de A com B. Nasce de uma matriz crítica e gera criticidade (Jaspers). Nutre-se do amor, da humildade, da esperança, da fé, da confiança. Por isso, só o diálogo comunica. E quando os dois pólos do diálogo se ligam assim, com amor, com esperança, com fé um no outro, se fazem críticos na busca de algo. Instala-se, então, uma relação de simpatia entre ambos. Só aí há comunicação (FREIRE, 1996, p.115).

Com esta compreensão freiriana, seria impróprio estabelecer uma relação dialógica em que apenas o docente fala e o aluno ouve para, mais tarde, o aluno reproduzir aquilo que o professor expressou. Pois isso poderá ser antidialógico⁹, e destrói a relação de simpatia que o caracteriza. No entanto, somente acontece uma relação de simpatia entre A e B, ou educador-educando, aceitando-se um ao outro em sua individualidade assim, acontece um diálogo, ou seja, uma comunicação entre eles, já que, ao ser dialógico é o respeitar o momento do outro. Assim, Freire diz que:

Ser dialógico é não invadir, é não manipular, é não sloganizar. Ser dialógico é empenhar-se na transformação constante da realidade. [...] O diálogo é o encontro amoroso dos homens que, mediatizados pelo mundo, o “pronunciam”, isto é, o transformam, e, transformando-o, o humanizam para a humanização de todos (FREIRE, 1992, p. 43).

Se o diálogo for desenvolvido de uma forma conveniente, amorosa, respeitosa e harmônica na família, nas interações com outras pessoas, na escola e principalmente em sala de aula, os alunos e professores poderão proporcionar e desfrutar de momentos significantes nas aprendizagens e no meio social.

Mas como desenvolver esse diálogo, essa comunicação amorosa? Sabemos que somos seres humanos e que muitas vezes os alunos chegam em sala de aula trazendo suas angustias, seus medos e uma bagagem de acontecimentos, muitas vezes o aluno não quer conversar, chega estressado por que esteve um dia ruim, ou que esteve que passar por situações difíceis, tudo isso o professor poderá passar em seu dia a dia, as vezes não estamos tão dispostos a falar e a escutar, e que muitas vezes a desvalorização dos docentes com salários baixos, falta de recursos materiais, se virando com o que tem, muitos colegas sofrendo de ansiedade e depressão. Assim, surge a pergunta: Como dialogar em sala de aula? Penso que tudo é um montante e que a

⁹ Antidialógico. Paulo Freire descreve que, são conjuntos de práticas que visam uma manipulação, impedindo o indivíduo de pensar por si próprio. Assim levando o indivíduo a pensar por si só.

valorização do docente é um dos melhores caminhos, logo poderão surgir as formações que possuem um foco no diálogo com o aluno, sendo algo interessante e prazeroso na aprendizagem dos alunos.

Poderão ter professores preparados em elaborar perguntas, falar e também escutar, terão alunos que serão capazes de argumentar e escutar de modo que não prejudique e ofenda o próximo com palavras desnecessárias. Freire se refere a uma prática da liberdade, a qual existe diálogo, perguntas, ou seja, uma interação entre docente e discente, um constante diálogo. Então,

O diálogo, na verdade não pode ser responsabilizado pelo uso distorcido que dele se faça. Por sua imitação ou sua caricatura. O diálogo não pode converter-se num “bate-papo” desobrigado que marche ao gosto do acosso entre professor ou professora e educandos. O diálogo pedagógico implica tanto o conteúdo ou objeto cognoscível em torno de que gira quanto a exposição sobre ele feita pelo educador ou educadora para os educandos (FREIRE,1999, p. 118).

Com esta compreensão freiriana, um bate papo casual salienta em uma conversa casual onde apenas o fato de uma pessoa aproximar-se da outra para conversar sobre algum assunto. Logo o diálogo pra Paulo Freire vai além de um simples contato, implica relações, troca de saberes, confiança, acreditar e abrir-se ao outro. Para Freire (1987) “Não há diálogo, porém, se não há um profundo amor ao mundo e aos homens. Não é possível a pronúncia do mundo que é um ato de criação, se não há amor que a infunda. Sendo fundamental do diálogo, o amor é, também, diálogo” (p. 51).

O diálogo precisa ser desenvolvido de uma forma amorosa, conveniente e respeitosa na educação infantil, porque ela é a base para o desenvolvimento do aluno no meio social e o melhor lugar para ser trabalhado é pondo em prática na sala de aula, com professores preparados em elaborar perguntas, falar e também escutar, terão alunos que serão capazes de argumentar e escutar, de modo que não prejudique e ofenda o próximo com palavras desnecessárias

Existem autores como Sócrates, Platão, Lipman e Freire que auxiliam os alunos e professores no pensamento para refletir sobre a efetivação do diálogo nas práticas pedagógicas é necessário para que os alunos e os professores façam perguntas que instiguem a reflexão e o pensamento crítico, que estimulem experiências de pensamento filosófico. Assim, todos irão aprender, tanto o aluno e o professor, esse método do diálogo é o mais importante para trabalhar com crianças na educação infantil.

O diálogo só acontece em sala de aula se propiciar um ambiente que estimule a curiosidade, que ensine o respeito entre todos indistintamente, bem como um exercício de

amorosidade e simpatia de ambas as partes envolvidas (alunos e professores). Freire (1987), diz que:

Não é no silêncio que os homens se fazem, mas na palavra, no trabalho, na ação-reflexão. Mas, se dizer a palavra verdadeiramente, que é trabalho, que é práxis, é transformar o mundo, dizer a palavra não é privilégio de alguns homens, mas direito de todos os homens. Precisamente por isto, ninguém pode dizer a palavra verdadeira sozinho, ou dizê-la para os outros, num ato de prescrição, com o qual rouba a palavra aos demais. O diálogo é esse encontro dos homens, mediatizados pelo mundo, para pronunciá-lo, não se esgotando, portanto, na relação eu-tu (p. 49).

No diálogo com as crianças, elas irão formulando pensamentos reflexivos e críticos, assim possibilitando-os que realizem a escuta e o pensar filosófico e aprendendo a respeitar o seu espaço e o espaço do outro. O diálogo é transformador, quando se dialoga com alunos na sala de aula, o professor está desenvolvendo uma pedagogia libertadora, na qual Paulo Freire defendia, uma educação crítica a serviço da transformação social.

Pensando na pedagogia libertadora de Freire, percebemos a aproximação da Pedagogia de Lipman, para o qual o pensar filosófico e reflexivo que só poderá acontecer através na forma de diálogo e do pensar na práxis de cada um. “Assim, através do diálogo, tanto na pedagogia de Freire quanto no programa de Lipman, o que ocorre não é uma transferência de saber do professor para os alunos, mas uma construção compartilhada de conhecimentos”. (SILVEIRA, 2003, p. 62). O diálogo, para Lipman e Freire, é fundamental para a aprendizagem do aluno.

No livro de Renê José Trentin Silveira, *Matthew Lipman e a filosofia para crianças, três polêmicas* - o autor relata que Lipman conheceu Paulo Freire em uma das vezes quando veio ao Brasil. Segundo ele, “Na ocasião, Freire teria declarado ver semelhanças naquilo que faziam, as quais na opinião de Lipman, referiam-se ao interesse de ambos na formação de comunidades” (SILVEIRA, 2003, p. 61). Mas não há fontes pesquisadas ou algum outro dado que comprove alguma aproximação entre os dois autores, apenas os discípulos de Lipman se encarregaram de estabelecer as aproximações das propostas de ambos.

Além de Renê José Trentin Silveira (2003), o Professor Marcos Lorieri, da PUC-SP, afirma que Lipman propõe uma educação na forma de comunidade de Investigação, cuja “alma” ou “essência” é o diálogo. Do seu lado, Freire fala de uma “educação dialógica” que, superando pelo diálogo a contradição educador-educando, estabeleça entre eles uma autêntica comunicação (LORIERI, 1993, p.12). Assim, na pedagogia de Freire e a de Lipman não existe uma transferência de conhecimento do professor para seus alunos, mas existe uma construção de todos, construção de conhecimentos.

Outra semelhança, até mais perceptível, seria mostrar possíveis paralelos entre a estrutura e os objetivos dos “círculos de cultura” em Freire, da proposta da “comunidade de

investigação de Lipman, mas também com a ressalva de que o acento desse último recai mais sobre o aspecto epistemológico, do conhecimento, enquanto que o primeiro, sem negligenciar da questão do conhecimento, visa à conscientização, com tudo que ela significa.

Paulo Freire, no livro da Pedagogia do Oprimido, refere-se ao ensino tradicional e o seu método bancário, e, como contraproposta, Freire visa a uma educação transformadora, libertadora. A educação bancária, no entender de Freire, considera os educandos apenas depósitos de conhecimentos, neste entendimento o professor não valoriza o conhecimento dos alunos, precisando depositar fórmulas, letras e conhecimentos científicos, além do mais, esta educação acredita que só assim os alunos poderão ser “sábios”.

Por isso mesmo é que uma das características desta educação dissertadora é a “sonoridade” da palavra e não sua força transformadora. Quatro vezes quatro, dezesseis; Pará, capital Belém, que o educador fixa, memoriza, repete, sem perceber o que realmente significa quatro vezes quatro. O que verdadeiramente significa capital, na afirmação, Pará, capital Belém. Belém para o Pará, Pará para o Brasil. (FREIRE, 1987, p. 36).

A pedagogia tradicional, e também a bancária, se utiliza de metodologia que não desperta o interesse da pergunta, da reflexão e da crítica. Assim, visa apenas formar alunos, sem pensar o quê o aluno será com os anos, inclusive inibindo sua capacidade de pensar por conta própria. Para Freire, acredita-se que é importante os educadores incentivarem os educandos para a descoberta do “novo”. Segundo ele, o “educador democrático não pode negar-se ao dever de, na sua prática docente, reforçar a capacidade crítica do educando, sua curiosidade, sua submissão” (FREIRE, 1996, p. 14).

Freire expressa sua pedagogia, no sentido de “pensar e ensinar”, assim deixando explícito que, ensinar depende da “rigoriedade metódica”, que, por sua vez é a primeira característica que distingue a atitude filosófica e a educação para o pensar das formas espontâneas de procedimento. O método é o essencial da filosofia, no diálogo, na argumentação, na escuta e crítica.

Agora mais especificamente sobre a expressão “pensar certo”, na “Pedagogia da Autonomia”, Freire a cita pela primeira vez e a associa à rigoriedade metodológica e à capacidade crítica, como essenciais ao “ensinar a pensar certo”.

O professor que pensa certo deixa transparecer aos educandos que uma das bonitezas de nossa maneira de estar no mundo e com o mundo, como seres históricos, é a capacidade de, intervindo no mundo, conhecer o mundo. Mas, histórico como nós, o nosso conhecimento do mundo tem historicidade. (FREIRE, 1996, p. 16).

Em um segundo sentido, *pensar certo* é, para Freire, pensar dialeticamente, com o envolvimento do diálogo e da argumentação com todos, desde professor aos alunos, para pensarem juntos e tirar suas conclusões. Pensar errado, é o contrário, é um modo de pensar “mecânico”, sem diálogo. Nesta perspectiva, ele insiste que “pensar certo” é uma exigência do “ciclo gnosiológico”; da transformação da curiosidade espontânea em “curiosidade epistemológica”. Mais uma vez percebe-se uma aproximação da proposta de Lipman, quando versa sobre a aula como “comunidade investigativa”, de estudo e pesquisa.

Aliás o pensar certo, implica o dever dos docentes e também da escola, como a instituição como um todo, a respeitar e valorizar o saber dos alunos, das classes populares e de levar a discussão a razão de todos esses saberes, Lipman diz que, “a educação de valores tem de ser conduzida num contexto cooperativo e comunitário, longe da competição e do individualismo dos seminários de ética das faculdades e igualmente longe do raciocínio sofisticado do debate forense” (LIPMAN, 1990, p. 67). Assim esse pensar certo, implica, a uma crítica da realidade de educandos e educadores, na qual existe a carência do diálogo e do pensamento.

Logo, pensar certo poderia ser, “pensar a vida concreta observando o lugar em que estamos inseridos e assim pensar de fato sobre a nossa vida, os nossos costumes, pensar sobre a nossa democracia e atitudes” e neste sentido é intrinsecamente político, é uma forma de educar e aprender sobre e para a cidadania. Na qual a finalidade principal da educação para o pensar que autor Lipman se refere, é de formar cidadãos fortes para uma democracia forte, com pessoas que pensam, refletem e fazem suas críticas, foi assim que surgiu o programa de filosofia para crianças, na qual traz uma proposta pedagógica para ser aplicada no currículo escolar, com objetivo de estimular o desenvolvimento de pensar do aluno.

Para Renê José Trentin Silveira, seu pressuposto básico de Lipman é o de que a educação dita “tradicional”, centrada na transmissão de conhecimentos, na autoridade do professor e na noção de aprendizagem como absorção de informação, é incapaz de atingir o objetivo de instigar os alunos a pensarem por si a terem opiniões sobre assuntos que saibam escutar e dialogar com respeito e harmonia (SILVEIRA, 2003, p. 5). Nesta perspectiva, Lipman, relata: “o maior desapontamento da educação tradicional é seu fracasso em produzir pessoas que se aproximem do ideal da racionalidade” (1990, p. 34). Pensando assim, existe uma necessidade de substituir o modelo tradicional pelo da “educação para o pensar”, assim o professor é apenas um orientador ou o mediador, que instiga os alunos à investigação dos assuntos, pois o objetivo não é mais na aquisição de conteúdo, informações e sim nas perspectivas contidas, nos temas de investigação.

Pois, quando Freire diz em um de seus subtítulos no livro da pedagogia da autonomia, que “Ensinar exige criticidade” (1996, p. 17) ele está complementando a abrangência do significado de “pensar certo”, referindo-se à superação, à “criticidade” do ensinar, e à ideia de que isso leva à superação do senso comum no saber crítico, sem romper com o senso comum.

Para Freire, “pensar certo” é passar da “curiosidade ingênua” para a “curiosidade epistemológica”, pois a “curiosidade ingênua está associada ao senso comum, essa passagem do espontâneo ao pensar crítico implica o distanciamento da realidade, mas sem deixar de pertencer a ela, pois é dessa pertença que nasce a inquietação para desvendar o que está escondido abaixo de sua aparência imediata, que é percebida pela consciência ingênua. Freire (1996) diz que “Na verdade, a curiosidade ingênua que, ‘desarmada’, está associada ao saber do senso comum, é a mesma curiosidade que, criticando-se, aproximando-se de forma cada vez mais metodicamente rigorosa do objeto cognoscível, se torna curiosidade (p. 17).

Nesta perspectiva, Freire (1996) faz relações entre a curiosidade dos camponeses e suas injustiças no seu cotidiano, logo os cientistas e os acadêmicos filósofos também tem suas curiosidades e indagações diante de “não-eus”. Assim, segundo Freire, “os cientistas e os filósofos superam, porém, a ingenuidade da curiosidade do camponês e se tornam epistemologicamente curiosos” (p. 18). Pensando no desenvolvimento da criança e suas curiosidades, pode-se dizer que a “curiosidade” é um dos pontos mais vivenciado na vida delas, pois é a infância que as crianças começam a construir seus conhecimentos através da pergunta, da palavra e de suas indagações. Surgindo os questionamentos sobre o seu cotidiano e se dia a dia.

O “Pensar certo” é saber defender-se da “irracionalidade, que gera a falta de ideias e assim sem cair no extremo da racionalização”. Educandos e educadores que aprendem a “pensar certo transformam o seu modo de pensar e de agir; sua “consciência ingênua vai se transformando em consciência crítica”. Pois a “consciência ingênua”, não possui a “ciência” dos fatores e dos condicionamentos que o estabelece, mas a “consciência crítica” está à procura de argumentar, questionar, buscar saberes.

Neste caso, não existe apenas uma maneira de pensar e refletir sobre os assuntos, porque antes, a criança precisa fazer uma apropriação dos problemas que encontra em seu cotidiano. Freire segue problematizando, dizendo que, “pensar certo”, pelo contrário, demanda profundidade e não superficialidade compreensão. Na mesma página, no ponto 1.5, novamente o “pensar certo” e suas implicações estéticas e éticas, aparecem no sentido Aristotélico do “correto uso da razão” para comparar, valorar, escolher, decidir, intervir e agir, assim por decorrência, responder por suas decisões e atos.

Mas como não há pensar certo à margem de princípios éticos, se mudar é uma possibilidade e um direito, cabe a quem muda – exige o pensar certo - que assuma a mudança operada. Do ponto de vista do pensar certo não é possível mudar e fazer de conta que não mudou. É que todo pensar certo é radicalmente coerente. (FREIRE, 1996, p. 18).

Nesta perspectiva, o “pensar certo” é não divinizar nem demonizar a tecnologia, porque o “pensar certo” demanda profundidade na compreensão e interpretação dos fatos. Além do mais, todo “pensar certo” é radicalmente coerente, Freire (1996, p. 18) cita que, “não é possível mudar e fazer de conta que não mudou. É que todo pensar certo é radicalmente coerente”, pois o “pensar certo” é uma questão de honestidade e de ética. Mas será que ser coerente é o suficiente?

Referindo-se ao testemunho e à coerência, Freire diz que “pensar certo” é fazer certo, no caso seria a prática testemunhal, buscando seriamente a segurança na argumentação e não na bravata ou no grito. É, portanto, disposto ao diálogo. Segundo Freire (1996, p. 19), “Não há pensar certo fora de uma prática testemunhal que o re-diz em lugar de desdizê-lo. Não é possível ao professor pensar que pensa certo, mas ao mesmo tempo perguntar ao aluno se ‘sabe com quem está falando’.

Na perspectiva de Freire, o docente precisa estabelecer uma relação de respeito com o aluno, porque o “pensar certo” é não interditar, proibir, mas é cultivar o gosto em conversar, instigar o diálogo e assim ensinar aos alunos os conteúdos. Pois este “pensar certo” está no sentido de compreender a dialética entre a tradição e a aceitação do novo, do emergente, sem discriminação dos conhecimentos dos alunos e das pessoas; é saber ponderar as questões étnicas, de classe social, de gênero.

Aliás este “pensar certo” precisa ter humildade, sem discriminação, ter o bom senso, além de ensinar a compreender a natureza, e a pensar sobre os assuntos, Freire ainda traz relações de que o “pensar certo” não é apenas passar conteúdo para as crianças, como vários professores do currículo fazem.

Porque a aprendizagem é um processo, independente do nível da educação, primeiramente inicia-se com a educação infantil, depois o ensino fundamental, e ensino médio, assim continuando no ensino superior, na qual muitos nesta fase entram para o mundo da pesquisa científica para desenvolver trabalhos relacionados sobre diversos assuntos, muito para quebrar padrões, paradigmas e conceitos que a sociedade impôs com o passar do tempo.

Assim, deparamos com uma questão central da pedagogia de Freire e também da pedagogia de Lipman, porque aprender a “pensar certo” é nada menos que aprender a ser sujeito, ter autonomia em suas escolhas. Pois, o compromisso do educador é constante e

principalmente ajudar os alunos a não fundir um diálogo com tanta polêmica. Nos tempos em que vivemos quase todo diálogo exige algo polêmico e nada como o respeito e conhecimentos dos fatos para ajudar e compreender certos assuntos pertinentes que levam ao diálogo. Logo o “pensar certo” na docência crítica é um movimento dinâmico, dialético. Assim nos leva a pensar sobre a prática do docente na escola porque “Ensinar exige reflexão crítica sobre a prática” (FREIRE, 1996, p. 21).

Para quem pensa a educação infantil o “pensar certo” está ligado com as práticas nas aulas e tudo depende da metodologia que o docente irá propor. Ao modo da Phronesis aristotélica, “pensar certo” é o saber produzido pelo próprio aprendiz, que aprende com suas vivências e no constante diálogo com os outros companheiros envolvidos no processo de aprender, de refletir, perguntar... de certa forma, pensar certo é exercer a curiosidade, característica comum aos seres humanos que, no exercício desse “pensar certo” consiste na passagem da curiosidade ingênua para a curiosidade crítica (epistemológica). Há, portanto, uma superação, mas o que se qualifica é o que se conserva: a curiosidade.

Mas o “pensar certo” é também compromisso moral, é assumir o que se fala, não é só uma questão epistemológica e ética, mas é também um envolvimento emocional. Pode-se dizer que a formação docente que se faz ao modo do “pensar certo” não pode ser alheia ao exercício da criticidade e ao valor da emoção, porque “pensar certo” é esse importante equilíbrio da razão epistemológica e ética com a emoção.

“Pensar certo” é ter *bom senso*, pois é algo que não nasce com os seres humanos, mas depende de nossa formação num processo que precisa iniciar na infância devido às características próprias a essa idade, já anteriormente comentadas. Por meio da aprendizagem “do pensar certo” as crianças poderão crescer e se tornar adultas críticas, mas Freire insiste que este pensar é uma arte exigente, difícil, penosa, que exige uma dedicação constante, tanto do docente quanto do discente.

6 EDUCAÇÃO INFANTIL E DIALOGICIDADE COMO MÉTODO

Conforme a abordagem anterior, segundo Freire, a dialogicidade é constitutiva do ser humano desde o início da vida, pois é o traço ontológico do ser humano enquanto tal. Assim o diálogo que é comunicação, é a forma e interação entre sujeitos. É pela mediação dialógica que as pessoas se tornam sujeitos do conhecimento e, ao mesmo tempo, no diálogo alimentar a curiosidade de sujeitos aprendentes, constantemente abertas a buscar mais conhecimentos. As crianças quando frequentam as escolas descobrem o novo através do brincar, da leitura, escrita, desenhar, pintar e o socializar, mas todas essas atividades se caracterizam pela interação com os outros, pela dialogicidade. Em conformidade com essa definição, apresentamos a dialogicidade, própria do ser humano, como método apropriado à formação humana, à educação desde a infância.

A educação infantil é um lugar destinado ao ensino coletivo da comunidade escolar como, professores, crianças, funcionários e famílias. Segundo o ECA - Estatuto da Criança e do Adolescente, no “Art. 53º - A criança e o adolescente têm direito à educação, visando ao pleno desenvolvimento de sua pessoa, preparo para o exercício da cidadania e qualificação para o trabalho[...]”. (BRASIL, 1990). Embora a citação do artigo se refira ao adolescente também e não apenas às crianças, percebe-se que a educação deveria preparar seus alunos para o exercício de sua cidadania, e qualificação do trabalho. Por isso, é de perguntar se na interação docentes-discentes, nas atividades escolares, isso de fato acontece.

Segundo o artigo do ECA acima citado, os alunos têm assegurado o direito de desfrutar e conviver em um ambiente escolar com pessoas que as ajudem a se desenvolver como seres pensantes e dialógicos. Pois, ao passar dos anos esses mesmos alunos serão novos adultos na sociedade e poderão buscar um mundo melhor através do diálogo, do respeito mútuo e da compreensão dos outros.

Embora sejamos seres dialógicos, construir coletivamente práticas dialógicas filosóficas não é uma tarefa fácil. É preciso reaprender diante de cada situação para superar a tradição, uma vez que as práticas históricas foram mais de negação dessa característica antropológica através de relações pedagógicas e sociais, em geral, de caráter autoritário. Em seguida, depois de colocações iniciais, vamos voltar a nossa atenção também ao modo como Freire pensa essa questão das relações pedagógicas, contrapondo o ensino bancário à pedagogia dialógica e libertadora.

Iniciamos citando que no Art. 29 da LDBN n. 9394/96 está escrito que a educação infantil é a primeira etapa da educação básica, e tem como finalidade o desenvolvimento

integral da criança de até 5 (cinco) anos, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade (BRASIL, 1996).

Por isso, a educação infantil é a fase mais importante na vida, pois nessa fase as crianças começam a ter um convívio social que vai além do familiar. É um momento fundamental para que as crianças aprendam a viver em sociedade, logo poderão desenvolver habilidades cognitivas e motoras que são essenciais para a formação humana.

“A filosofia começa quando podemos discutir a linguagem que usamos para discutir o mundo” (LIPMAN, 1995, p. 15). Visto que a linguagem é uma função natural que permite que o ser humano, possa simbolizar o seu pensamento, assim decodificando o pensamento do outro. Assim, percebe-se que é através da linguagem, que acontece as trocas de experiências e conhecimentos, quando o assunto é curioso como por exemplo: o universo, planetas, lua, sol, entre outro assunto que acontece a interferência de percepção da realidade vivida e vivenciada.

Logo, Gadamer cita alguns conceitos que entrelaçam o pensar e falar. Gadamer (1997), diz que o homem possui o logos, que pode pensar e falar. O falar e tornar visível em sua fala, algo ausente, de tal modo que também o outro possa vê-lo. Capacidade de se comunicar, de pensar o comum. Esses conceitos comuns pelos quais se torna possível a convivência humana que gera a vida social, a constituição política e divisão do trabalho. A linguagem permite tudo isso. Por isso o autor diz que o ser humano tem um mundo constituído na linguagem e pela linguagem, diferente dos outros animais. Então, Gadamer (1997) resgata a cunhagem do conceito “linguagem” na qual, inicia com a ideia original primitiva, de que havia uma unidade íntima entre a palavra e a coisa. Pois, a palavra é compreendida imediatamente a partir do nome.

Para esse filósofo a linguagem é, por sua natureza, dialógica, o que nos leva a pensar que, em conformidade com essa característica, a educação e as interações sociais em geral, especialmente numa comunidade escolar, deveriam ser necessariamente de diálogo. Aliás, isso aproximaria a educação daquilo que Lipman também coloca como condição para se aprender a filosofar. A lógica da linguagem é, desde sua origem, dialógica e a arte de pensar de modo filosófico tem essa mesma estrutura de pergunta-e-resposta do diálogo. Mas numa sociedade em que se perdeu esse *ethos* dialógico, como decorrência das práticas autoritárias, antidemocráticas, etc. também a capacidade para dialogar precisa ser deliberadamente desenvolvida nas práticas educacionais por toda a comunidade escolar. O mesmo vale com ainda mais razão para uma educação para o pensar, para o filosofar, que faz com que se aprenda a compreender que num processo de diálogo nem sempre se alcança o consenso, a concordância e que é isso que nos faz continuar buscando, perguntando, dialogando uns com os outros. No

mesmo movimento se aprende a dialogar e a pensar melhor, “pensar certo”, que não significa haver atingido a verdade como fim, mas que as vivências, as experiências, das outras pessoas nos ajudem a compreender melhor, a alargar o nosso conhecimento, a nossa compreensão de mundo.

Isso nos leva de volta a Paulo Freire, quando convida os educadores assumirem que a escola é lugar de gente; um ambiente acolhedor, dialógico e democrático. Para Freire (1998):

É preciso e até urgente que a escola se vá tornando um espaço acolhedor e multiplicador de certos gostos democráticos como o de ouvir os outros, não por puro favor, mas por dever, o de respeitá-los, o da tolerância, o do acatamento às decisões tomadas pela maioria a que não falte, contudo, o direito de quem diverge de exprimir sua contrariedade. O gosto de pergunta, da crítica, do debate (p. 89).

Na escola existem alguns verbos importantes para assegurar boas práticas no ensino, como ouvir, acolher, perguntar, criticar, debater e aceitar a palavra do outro. Estas são aprendizagens coletivas essenciais a serem fortalecidas sucessivamente no entendimento dos alunos e das pessoas que estão praticando o diálogo em sala de aula ou entre a comunidade escolar como um todo, além disto, um lugar em que acontecem relações importantes para que o conhecimento e a aprendizagem se efetivem.

Logo, estas relações estabelecidas pela criança na educação infantil ocorrem algumas interações por meio da aproximação de um com o outro, brincadeiras, o diálogo que permite assim que a criança perceba várias possibilidades de compreensão certa e leitura do contexto.

O diálogo como forma de educação, de estilo filosófico, pode ajudar na relação professor aluno, e permitem melhores condições de aprendizagem. Segundo Freire (1996):

O bom professor é o que consegue, enquanto fala trazer o aluno até a intimidade do movimento de seu pensamento. Sua aula é assim um desafio e não "uma cantiga de ninar". Seus alunos cansam porque acompanham as idas e vindas de seu pensamento, surpreendem suas pausas, suas dúvidas, suas incertezas, atentando de certa forma à dialética de ensinar a aprender e aprender a ensinar (p. 86).

Com isso, ressalto que, como profissionais comprometidos com o desenvolvimento integral dos educandos, o docente precisa ajudar as crianças a despertar para novas experiências e aprendizagens. Paulo Freire (1996, p. 69) nos diz que para isso “é preciso diminuir a distância entre o que se diz e o que se faz, até que num dado momento, a tua fala seja a tua prática”, mostrando-nos a relação entre a coerência e a confiança, indispensáveis para que as crianças se ponham a caminho de novas experiências.

Nesse sentido seria aconselhável que, nós professores, tomássemos para nós esse compromisso de propiciar em nossas aulas estas aproximações da fala e da prática, que é uma

exigência metodológica da proposta de Freire. Com isto, despertar nos alunos a curiosidade, o amor, carinho e respeito pelo próximo. Freire (1996, p. 85, *grifo do autor*) diz que “*Como professor devo saber que sem a curiosidade que me move, que me inquieta, que me insere na busca, não aprendo nem ensino.*”

Pensando nesta perspectiva apresentamos uma foto do livro de Angélica Sátiro que tem como título “Brincar de Pensar”, na qual faz uma reflexão, no capítulo quatro, sobre a educação de crianças de 3 e 4 anos. Em que traz como principal objetivo, o olhar curioso e o pensamento reflexivo de uma criança ao observar uma folha de árvore com uma joaninha. Pois, as crianças desta idade, usam as fantasias e possuem um olhar mais avançado na imaginação e, em tudo que observam, principalmente em suas aventuras, além disso, percebe-se que é uma idade de muito desenvolvimento, assim os docentes poderão estimular o pensamento criativo e reflexivo.

A autora Angélica usou um termo em que diz: “as crianças absorvem tudo como se fosse esponjas” (SÁTIRO, 2012, p 61). Elas, questionam, pesquisam, observam, cheiram tudo, tocam, escutam com atenção, demonstram curiosidade em novas aventuras e descobertas. Além disso, “Também estão desenvolvendo a percepção de formas e cores, o que significa que, quanto maior for a estimulação nessa direção, melhor poderá ser desenvolvida sua inteligência perspectiva, sua sensibilidade e sua interação com o meio”. (SÁTIRO, 2012, p. 61).

Figura 1- Imagem de criança com olhar curioso ao avistar uma joaninha em uma folha verde.



Fonte: Sátiro (2012).

Segundo a autora:

É nessa fase que os circuitos neurológicos começam amadurecer. Realizar um conjunto de atividades baseadas no diálogo, na expressão e na utilização de diferentes linguagens será certamente que modificará sensivelmente a qualidade do relacionamento da criança com a linguagem e, conseqüentemente, consigo mesma e com o mundo (SÁTIRO, 2012, p. 61).

Nesta perspectiva, o processo de dialógico próprio ao ensino de filosofia, dependerá da prática em grande parte do professor e de suas metodologias, pois quanto mais o docente for acolhedor, compreensivo, didático e que principalmente goste de desenvolver o diálogo em sua sala de aula, escutando seus alunos, respeitando e sendo respeitado por eles, mais as crianças terão prazer em estar na escola, naquele momento compartilhando experiências e aprendendo uns com os outros.

A educação é uma oportunidade privilegiada para aprendermos juntos, educadores e educandos, a dizer a nossa palavra para significar a experiência e retornar reflexivamente sobre ela, o que não deixa de ser uma dimensão filosófica importante de toda atividade docente. Fazer filosofia com as crianças é criar esse espaço de prática do pensar, um ambiente na qual o questionamento da criança sobre conceitos comuns, controversos e problemáticos da experiência da criança possam ser investigadas e não apenas respondidas com “verdades” ditas pela experiência do adulto.

A hipótese deste paradigma educacional é o de que a educação precisa começar de onde está a criança e não de onde está o professor. Trata-se, de respeitar a dignidade da criança, um ser ativo, presente, brincante, pensante, portador e produtor de saberes. Refere-se a garantir o direito à liberdade de pensar, de escolher, de agir e de se expressar. Assim as crianças parecem menos conformadas e mais curiosas com o mundo que os adultos.

Desse modo, a curiosidade é algo próprio das crianças que começa a gerar indagações e não há nada mais filosófico que o ato de perguntar. Então,

Assim como os filósofos, as crianças se fazem perguntas sobre o mundo. Conseguem compreender conceitos filosóficos desde que sejam formulados em uma linguagem compreensível para elas, e são capazes de inventá-los. Em suma, as crianças têm uma afinidade natural com a filosofia (LIPMAN, 2008, p. 18-19).

Para Lipman (2008), quando se refere à filosofia, servindo-se de relações entre saberes, visa mostrar que a filosofia estimula a pensar sobre os conteúdos das disciplinas e também no interior de cada disciplina, especialmente no sentido de compreender cada palavra conjunto, num exemplo bem claro daquilo que se pode chamar de arte do conceito. Desse modo, cada conteúdo, de cada “disciplina”, pode ser ocasião para aprender a pensar melhor, aprender melhor, os conteúdos das outras disciplinas. Nesse sentido, a aprendizagem da filosofia pode servir como um apoio aos discentes e com um papel importante para o desenvolvimento do pensamento reflexivo, lógico e crítico. Pois é próprio da filosofia implicar o procedimento dialógico, reflexivo, crítico, e que vai aos poucos levando as crianças a encontrarem suas

próprias respostas, a pensar melhor e a dizerem a sua palavra com mais propriedade. Pensando nesta perspectiva, segundo Brocanelli (2010, p.39):

Na história da Filosofia, um momento reconhecido como um salto a novas perspectivas para a educação é implantação do método do diálogo. Isso ocorreu com maior força no século V, quando a Filosofia foi diretamente relacionada com a investigação por meio do diálogo. O principal e maior autor desta forma de filosofar foi o histórico Sócrates, descrito por Platão, seu suposto discípulo; seu pensamento tinha por objetivo principal mostrar aos cidadãos de Atenas o que significava **examinar cuidadosamente** a vida por meio da discussão. (*Grifo do autor*).

O professor Lipman, após alguns anos dando aulas de introdução à lógica, percebeu a necessidade de desenvolver uma metodologia que poderia ajudar os alunos a pensar por si próprio, usando seu pensamento, suas vivências e tornando-se um ser humano mais crítico e participativo na sociedade em que vive. Nesta perspectiva, o filósofo expressa no livro “*O pensar na educação*”, a necessidade de trabalhar com a filosofia como uma disciplina transdisciplinar, na qual, existe um envolvimento de mais de uma disciplina, assim sendo capaz de ter uma interação entre disciplinas, na qual propõem um diálogo entre as mesas no reaquecido do saber.

Nesta perspectiva, o autor afirma que:

A filosofia estimula o pensamento nas disciplinas pois assume a responsabilidade de ensinar os aspectos genéricos do pensamento que ocorrem em qualquer disciplina e porque é um modelo daquilo que significa para uma disciplina refletir sobre e ser crítica da sua própria metodologia. (LIPMAN, 1995, p.381)

A filosofia que é apresentada na forma de diálogo, permite que as crianças façam perguntas, exponham suas hipóteses e tirem suas conclusões, desenvolvendo um pensamento crítico e reflexivo. Pois o diálogo permite que os alunos tirem conclusões, definam termos, se inspirem nas ideias expostas por outros, façam classificações e identifiquem e analisem ambiguidades (LIPMAN, 2008, p. 19). O fazer filosofia auxilia os indivíduos a lidar de maneira inteligente com os desafios e conflitos da vida da criança e não menos na vida do professor ou de quem ouse abandonar o comodismo dos conceitos prontos ou a rotina que leva à mesmice.

Através das reflexões anteriores, pensando na prática dos docentes com os alunos, explorando a metodologia do fazer filosofia, espera-se que as crianças sejam corajosas para envolver-se também na direção de uma atitude imprescindível à democratização da sociedade em geral e numa luta para que em todas as idades se tenha acesso à filosofia, em todos os momentos da educação que vise a formação mais integral das pessoas, desde a infância.

Nesta direção, Lipman escreveu um livro, no ano de 1997, com o título de “Natasha. Diálogos Vygotskianos”, no qual ele apresenta investigações importantes sobre os estudos da psicologia de Vygotsky, e ao mesmo tempo faz interlocuções entre a filosofia norte-americana pragmatista e o seu programa de filosofia para crianças.

Natasha era uma aluna fictícia, para a qual o professor apenas era um facilitador que apresentava as histórias para os alunos, neste caso, as *novelas filosóficas*. Lipman preferiu chamar de *novelas filosóficas* os livros utilizados pelos alunos. Brocanelli (2010, p 25) afirma que “essas novelas são narrativas que trazem temas filosóficos, os quais se encontram implícitas nas falas e discussões dos personagens e nos acontecimentos vividos por eles”.

Mas quando utilizada pelos professores, acompanhavam um manual em forma de livro com exercícios, planos e discussões que orientam os docentes para um melhor aprendizado nas discussões com os alunos na sala de aula. As novelas filosóficas eram materiais utilizados por seus alunos em sala de aula. Essas novelas são narrativas que trazem alguns temas filosóficos, na qual encontra-se nas falas e discussões dos personagens e, em acontecimentos que foram vivenciados por eles.

As novelas filosóficas que foram elaboradas pelo autor Lipman, foram chamadas de, Issao e Guga, Pimpa, A descoberta de Ari dos Telles e Luísa. Mas existe uma novela filosófica que tem o nome de Rebeca, na qual, esta foi escrita por Ronaldt Reed que era colaborador de Lipman.

Quadro 1 - Novelas filosóficas de Matthew Lipman

Rebeca	Esta novela foi escrita por Ronald Reed, colaborador de Lipman. Ela é utilizada para imaginação filosófica com crianças da Educação Infantil. Conta a história de uma menina intrigada com as questões que cercam a realidade e a fantasia, e isso é o ponto de partida para o desenvolvimento de habilidades como: detectar semelhança e diferenças, raciocínio hipotético, critérios de classificação, relação de causa e efeito, relação parte e todo, esclarecimento de conceito.
Issao e Guga	Essa narrativa foi escrita por Matthew Lipman, para alunos de 1º e 2º série do Ensino Fundamental. As personagens Issao e Guga nos contam umas férias inesquecíveis que viveram juntas. [...] A maneira como Issao e Guga demonstram interesse por animais, pela noção de espaço e tempo e por muitos outros aspectos naturais, faz deste texto uma introdução ideal à investigação sobre as relações entre linguagem, mundo e as diferentes formas de percepção.
Pimpa	Foi também escrita por Lipman, é uma novela indicada para crianças de 9 a 11 anos. Narra as aventuras de uma garota questionadora, preocupada em descobrir os significados das coisas e suas possíveis relações.
A descoberta de Ari dos Telles	Essa novela foi primeira novela a ser escrita por Lipman e é indicada para adolescente de 11 a 13. Narra a aventura de um garoto que, surpreso com uma questão formulada pelo professor em um momento de distração em sala de aula, busca com seus amigos os caminhos para compreender as regras de um bom raciocínio.
Luisa	Escrita por Lipman, é indicada para adolescentes de 13 a 15 anos. Trabalha questões como: O que é certo ou errado? O que é liberdade? O que é justo? Estas e outras questões instigam os personagens da novela e levam os alunos a percorrer os caminhos da investigação ética.

Através dessas novelas filosóficas, Lipman acredita que existe uma melhora do pensamento, e que os alunos poderão se tornar pessoas que pensam criticamente, sendo mais criativas em seu ponto de vista, por isso, que Lipman escreveu as novelas filosóficas, por que assim, o aluno poderá desde a infância aprender a pensar criticamente sobre diversos assuntos que estão ligados ao seu dia a dia.

Pensando assim, o diálogo sempre é um dos pontos principais para desenvolver a melhora do pensamento. Nesta perspectiva, Lipman defende que os docentes não precisam fazer discursos filosóficos, mas que no decorrer das aprendizagens as crianças precisam descobrir os conhecimentos por si mesma, especialmente através do diálogo, dentro de uma “comunidade de investigação”, ao modo dos “Círculos de Cultura” propostos por Feire para a alfabetização-conscientização.

Por isso, Lipman enfatiza que os alunos sejam os sujeitos de suas investigações em seu ambiente escolar. Segundo Lipman (1990, p. 67), “a criança deve ter a possibilidade de experimentar o que é viver num contexto de respeito mútuo, de diálogo disciplinado, de investigação cooperativa, livre de arbitrariedade e manipulação”. Estas investigações no ambiente escolar estão ligadas a formular hipótese, a raciocinar, a justificação de conhecimentos através do diálogo, formação de conceitos e coordenação do aluno. Lipman possuía formação filosófica e tinha uma preocupação com a educação que valorizasse o pensar bem.

6.1 COMUNIDADE DE INVESTIGAÇÃO: A PRÁTICA DIALÓGICA NA BUSCA DO CONHECIMENTO

A comunidade de investigação é o cerne do paradigma de um sistema educativo baseado na investigação científica, dentro da qual os alunos se ouvem mutuamente com respeito, pedem emprestado as ideias uns dos outros, em que se encorajam a justificar as suas posições e ideias, ajudando-se uns aos outros para chegarem a conclusões.

Na filosofia para/com crianças, a investigação está intimamente ligada a procedimentos autocorretivos, nas quais as crianças se envolvem em experiências problemáticas problemas suscitados dentro da comunidade de investigação e tentam ajudar-se umas às outras a entender melhor os acontecimentos com os quais estão trabalhando. Através dessa análise procuram melhorar e transformar essas situações problemáticas.

A proposta da metodologia de Lipman, através da comunidade de investigação¹⁰ para crianças, é pautada nas teorias de Charles Peirce, e influenciado através de outros filósofos, na qual despertou a vontade de elaborar a comunidade de investigação para crianças. Aliás, essa prática pedagógica da comunidade de investigação também se baseou nas teorias de Dewey, Sócrates e Vygotsky, assim como outros o influenciaram. Percebe-se que essa teoria poderá ser apreendida pelos profissionais da educação, para que possam desenvolver em sala de aula.

Para a autora Claudine,

O objetivo didático dessa “comunidade de investigação” consiste em procurar juntos as respostas às perguntas que as crianças fizeram na leitura da narrativa. Metodologicamente, essa investigação coletiva visa também desenvolver nos alunos competências comunicativas: ouvir-se mutuamente com respeito, convencer, emprestar idéias uns dos outros quando elas são pertinentes, encorajar-se um ao outro a justificar sua posição, ajudar-se pra tirar conclusões daquilo que foi dito e compreender seus colegas. (LELEUX, 2005, p. 136).

A comunidade de investigação, propõe às crianças um ambiente dialógico-investigativo, buscando primeiramente a investigação que estarão relacionadas às temáticas filosóficas, e assim as crianças possam desenvolver capacidades de pensar certo, e com o tempo possam aprender a desenvolver habilidades e competências através do processo dialógico.

Nesta perspectiva, a sala de aula não precisa existir verdades absolutas, porém, deve ser um lugar no qual exista um conjunto de ideias que são aceitas, e que seja um espaço de experiência e interesse da criança. Isso quer dizer, que os problemas filosóficos poderão ser traduzidos conforme o contexto e linguagem da criança, na qual se tornam significativas na vida de cada um, no mesmo caminho que os levam a compreender e problematizar a própria experiência.

Como destaca Brocanelli (2010), “o professor tem a tarefa de auxiliar seus alunos, encorajando-os nas discussões para que se ampliem seus horizontes de reflexão, não permitindo que eles se contentem em apenas imitar ou copiar (p. 82). Lipman (2001) destaca que a Comunidade de investigação é o espaço em que o aluno irá dividir opiniões, desenvolver questões a partir das ideias dos colegas; assim estes irão desafiar -se a elaborar sobre opiniões

¹⁰ Matthew Lipman insiste no aprofundamento da investigação e no papel incomparável do profissional que é o professor para confrontar os alunos com novas alternativas filosóficas, para levá-los a fazer julgamentos práticos e orientar sua investigação “para o exame de ideias mestras mais gerais, tais como a verdade, a comunidade, a pessoa, a beleza, a justiça, a bondade. Assim, seu procedimento pedagógico não pode, de maneira nenhuma, limitar-se à leitura compartilhada, ao questionamento, à formação da ordem do dia e nem mesmo à comunidade de investigação de respostas às perguntas. *O objetivo final é, sem dúvida, aprender a pensar por si mesmas, mas apoiando-se no patrimônio cultural humano e contribuindo com ele de forma crítica e criativa.* (LELEUX, 2005, p. 137) (Grifo do autor).

defendidas ou apontadas, no qual poderão auxiliar uns aos outros e buscando identificar o pressuposto de cada um.

Desse modo, o diálogo é importante para o desenvolvimento da criança, assim elas aprendam a refletir sobre suas atitudes e seus pensamentos. Dessa maneira, a comunidade de investigação está além da sala de aula, pois as crianças são curiosas e desde pequenas questionam as pessoas com quem convivem como; os pais, membros da escola, amigos, colegas e qualquer outra pessoa que busque interagir. Mas com o tempo aprendem a observar ao seu redor, e passam ter autonomia de conceitos próprios.

A comunidade de investigação busca instigar as crianças no que diz respeito ao desenvolvimento de habilidades do pensamento, e, conseqüentemente, leitura, escrita, oralidade e escuta, com isso, os instiga a pensar criticamente.

Destacamos as ideias de Brocanelli:

A investigação filosófica na sala de aula envolvida e relacionada com suas experiências possibilita esse desenvolvimento possibilita esse desenvolvimento do pensamento da criança em direção sempre crescente a um pensar melhor. E a filosofia terá valor e desempenhará um papel na vida da criança quando esta manifestar a capacidade de pensar por si mesma e alcançar respostas aos assuntos e problemas importantes da vida. (2010, p. 83).

Por isso, a Comunidade de Investigação¹¹ está ligada a uma rede de ideias, desenvolvidas por meio do diálogo, que proporciona às crianças o aprendizado do pensar com coerência, com pensamento lógico e crítico. Mas Lipman vai além, conforme já adiantamos acima, ele tinha também um objetivo político, com a sua proposta, acreditando que por meio do programa de filosofia se desenvolveria também a atitude dialógica, democrática, sem as quais não pode haver o exercício de uma cidadania responsável.

Nesta perspectiva, Lipman incentiva uma educação diferenciada, com prioridade no pensamento do aluno, ao invés do simples acúmulo de conteúdo ou informações, que é meramente disciplinar. O autor ainda destaca o pensar como algo importante na Comunidade de Investigação, na qual se dá, por meio de habilidades de raciocínio, investigação, habilidades de tradução e formação de conceitos, enfim, as habilidades cognitivas. Neste caso, essas habilidades ajudam na transição do modelo tradicional de ensino, para um ensino inovador, crítico reflexivo.

Segundo Lipman, a Comunidade de Investigação:

¹¹ Uma comunidade de investigação tenta acompanhar a investigação pelo caminho que está conduz ao invés de ser limitada pelas linhas divisórias das disciplinas existentes. (LIPMAN, 1995, p.1)

Trata-se de um diálogo que busca harmonizar-se com a lógica, seguindo adiante indiretamente como um barco navegando contra o vento, mas no processo seu progresso assemelha-se àquele do próprio pensamento. Consequentemente, quando este processo é internalizado ou introjetado pelos participantes, estes passam a pensar em movimentos que se assemelham aos procedimentos. Eles passam a pensar como o processo pensa. (LIPMAN, 1995, p. 32).

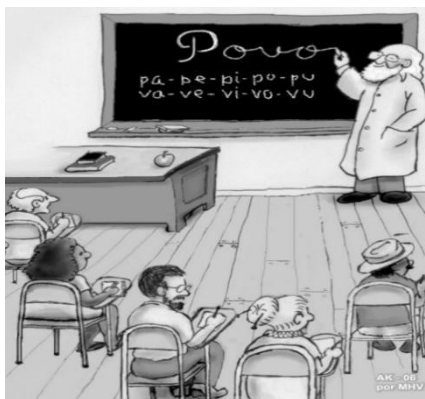
O diálogo é, portanto, fundamental, seja para despertar o interesse do aluno a buscar novos conhecimentos na comunidade de investigação, seja para desenvolver atitudes democráticas. Mas o diálogo entre as crianças não dispensa o papel dos professores, que podem e devem fazer questionamentos, indicar para questões que ficaram em aberto, problematizar as conclusões da “comunidade”, para que as crianças não se acomodem e se sintam estimuladas a aprender mais com o intuito de perguntar melhor, a argumentar com mais propriedade para legitimar suas afirmações e respostas para as questões, realimentando constantemente a comunidade de investigação, pois é nela que se desenvolvem atitudes intelectuais, e também atitudes morais e políticas.

6.2 CÍRCULOS DE CULTURA – PRÁXIS DIALÓGICA E CONSCIENTIZAÇÃO NA METODOLOGIA DE FREIRE

Sem a pretensão de equiparar a proposta da “comunidade de investigação” de Lipman às proposições de Freire, mas indicando algumas afinidades e propósitos comuns, passamos a apresentar algumas ideias do educador pernambucano, conhecido como um dos mais importantes educadores do século passado. Paulo Reglus Neves Freire, condecorado com o título de *Doutor Honoris Causa*¹², é conceituado entre as maiores 28 universidades do mundo, nasceu em Recife, no ano de 1921 no dia 19 de setembro, na qual teve uma infância não tão fácil, sobreviveu sem fartura e ficou órfão aos 13 anos de idade. Com o passar dos anos formou-se em direito, mas nunca exerceu a profissão. Nos anos de 1960, percebendo o analfabetismo que marginalizava o povo nordestino, criou um método de alfabetização voltado para adultos, simples, mas muito revolucionário. Assim mostrou que em menos dois meses poderia alfabetizar adultos e também os transformar progressivamente em leitores conscientes.

Figura 2 - Ilustração do método de Paulo Freire

¹² Paulo Freire realizou muitas conferências nacionais e internacionais e assim, foi nomeado *Doutor Honoris Causa* por diferentes universidades internacionais. (ANTUNES, 2008, p. 49).



Fonte: Wikipédia.

De acordo com Celso Antunes:

A prova da força de suas ideias se manifestou em Angicos, Rio Grande do Norte, onde em apenas 45 dias alfabetizou 300 camponeses. Sua obra representa uma das mais sólidas esperanças de que a educação popular não é complicada e, sobretudo, que pode ser libertadora. A leitura e compreensão crítica do espaço em que se vive representam, para esse educador, um primeiro passo para uma leitura do mundo e para uma reflexão sobre o estado do homem. (ANTUNES, 2008, p. 46).

Para Freire, de acordo com o autor supracitado, o homem é um ser inacabado pois, o ser humano tem a capacidade de interagir em seu contexto, assim podendo transformar-se e transformar o mundo. Pode se dizer que é por esse inacabamento que surge a necessidade do sujeito que pensa ser educado. Logo a construção desse processo educativo se dá ao passo em que os seres humanos começam a interagir com outras pessoas e culturas.

Portanto, como o ser humano é um ser inacabado, ele “...deve sempre chegar à escola em condições de “transformação” e, por esse motivo, o processo educativo não pode se limitar a transmitir informações, fatos, mapas e dados situando-se em uma acomodação...” (ANTUNES, 2008, p. 50).

Nesta perspectiva, pensando na prática em sala de aula com alunos do quinto ano da Escola Municipal de Ensino Fundamental Cândida Zasso, do município de Nova Palma, percebe-se que os alunos trazem consigo um mundo de conhecimentos que estão ligados a um saber popular, na qual, foi construído na prática social. Porém, em muitos momentos falta-lhes compreensão dos temas e de suas origens. Segundo Antunes (2008. P. 51), “Paulo Freire mostrava que a ligação entre saberes e temas se dá por meio das palavras”. As palavras são transformadoras, porque através delas construímos novos conhecimentos. A palavra é necessária na vida das pessoas e ele ressaltava a importância da *palavra*.

Antes de chegar no “*círculo de cultura*”, Freire acreditava que, para uma escola renovada e com princípios democráticos, precisaria a participação de todos, assim criou os

círculos de pais e mestres, com objetivo de ter a integração entre sociedade e escola e ao mesmo tempo contextualizando as vivências e o saber de cada aluno. Freire acreditava chegar em uma comunidade educativa, tendo o envolvimento de todos, nesta perspectiva, a escola pública não seria um espaço fechado e sim um lugar de comunicação e de aprendizagem que envolvesse a comunidade.

Logo, aconteceu o surgimento de inúmeros círculos de pais e mestres, criados por Freire, evoluindo para os Círculos de Cultura, com espaços de formação aberto ao público, na qual o diálogo substituíra aulas convencionais.

O círculo de cultura de Paulo Freire tem o objetivo de substituir a ideia de uma escola tradicional na qual tenha sala de aula convencional. Neste caso, não há o professor que ensina e os alunos aprendem, mas existe uma relação de troca de diálogos, na qual todos poderão aprender e ensinar coletivamente. Assim, “é o momento em que, após o levantamento preliminar das palavras e dos temas geradores, os participantes debatem entre si problematizando esses temas, com o máximo de liberdade e sob a coordenação do educador”. (SILVEIRA, 2003, p. 85).

Segundo Carlos Rodrigues Brandão, que escreve no “Dicionário Paulo Freire”, o círculo é o símbolo mais adequado à lembrança das experiências de cultura e de educação popular realizados no Brasil e na América Latina a partir dos anos 1960 (Brandão, 2010, p. 123). Com intuito de desenvolver uma metodologia ligada à vida e ao cotidiano dos alunos, Freire acredita que o diálogo é a fonte fundamental para crescimentos e desenvolvimentos das pessoas.

Nesta perspectiva, Streck explicita:

O círculo de cultura traz para o campo de uma educação popular de vocação transformadora de pessoas e de sociedades algo das iniciativas práticas grupais de uso comunitário, escolar ou pedagógico. A partir da crítica formulada por Paulo Freire a respeito do que ele denominou de “educação bancária”, o círculo de cultura dispõe as pessoas ao redor de uma “roda de pessoas”, em que visivelmente ninguém ocupa um lugar proeminente. O professor que sabe e ensina quem não sabe e aprende aparece como o monitor, o coordenador de um diálogo entre pessoas a quem se propõe construir juntas o saber solidário a partir do qual cada um ensina-e-aprende. (STRECK, 2010, p. 124).

Deste modo, o método de Paulo Freire requer que o professor e o aluno sejam os protagonistas do processo educativo. Pois, desde a construção do planejamento e até os diálogos nos círculos de cultura, e logo passando pela definição dos “temas geradores”, assim a definição e confecção do material didático. Neste caso, o docente precisa sempre levar em conta a realidade dos alunos e os objetivos do trabalho que será desenvolvido com os alunos na escola.

Pensando nesta proposta de Paulo Freire, na qual, poderá ser desenvolvida com crianças pequenas na educação infantil, percebe-se que através do diálogo e do levantamento de idéias, opiniões e trocas de vivências, os *círculos de cultura* poderão promover, na sala de aula, as rodas de conversa, através de fundamentos dialógicos e algumas noções de aprendizados perante os alunos e professor no processo de construção do saber coletivo.

Para Freire, “o diálogo começa na busca do conteúdo programático” pois, o autor relata que a dialogicidade no pensamento de Paulo Freire, começa antes do encontro com alunos, é através da busca dos temas ou conteúdos que o docente irá propor na sala de aula.

Segundo Freire:

Daí que, para esta concepção como prática da liberdade, a sua dialogicidade começa, não quando o educador-educando se encontra com os educandos-educadores em uma situação pedagógica, mas antes, quando aquele se pergunta em torno do que vai dialogar com estes. Esta inquietação em torno do conteúdo do diálogo é a inquietação em torno do conteúdo programático da educação. (FREIRE, 1987, p. 47).

Nesta perspectiva, o método de Paulo Freire, requer que o professor e o aluno sejam os protagonistas do processo educativo. Pois, desde a construção do planejamento e até os diálogos nos círculos de cultura, e logo passando pela definição dos “*temas geradores*”, e assim a definição e confecção do material didático utilizado nas vivências entre os professores e alunos.

Assim, o método de Freire, está voltado na realidade dos alunos e pensando no contexto que os envolve. Mas para que os círculos de cultura ocorram de fato, alguns elementos tornam-se estruturas fundamentais, como a codificação e decodificação, o tema gerador e conteúdo programático.

Com base na educação de Freire, o ensino de filosofia com crianças desenvolve um diálogo entre educando e educadores, na qual acaba estimulando nos alunos o movimento da pergunta, levando a questionar problemas, assim debatendo e dialogando sobre experiências de vida e levando a tema sobre o cotidiano da criança. Desta forma, percebe-se que o aluno é capaz de participar e problematizar no processo educativo. Logo percebe-se várias capacidades, como; afetivas, políticas, cognitivas e estéticas.

Segundo Antunes (2008, p. 50):

Para Paulo Freire, toda escola deverá ser sempre espaço para que se desenvolva um conhecimento crítico como ferramenta de construção da realidade, a partir das competências em identificar situações e razões que determinam os contextos sociais, econômicos, culturais e históricos em que o aluno vive.

Percebemos, assim, que Freire propunha que aprender a escrever e ler, poderia ser por meio de apenas três momentos que são fundamentais no seu método de alfabetização.

Quadro 2 – Ligações entre saberes e temas por meio das palavras.

Pesquisa Temática	Descobrir o mundo vivido pelo adulto por meio de suas palavras, frases, expressões e modo de falar.
Codificação ou Simbolização da Realidade Concreta	Fichas, desenhos, postes, etc. Centrados em “ <i>Palavras Geradoras</i> , para sua separação de sílabas e a progressiva descoberta de famílias fonêmicas existentes nas sílabas.
Decodificação ou o Desvendar da Realidade	A busca do “desvendar da realidade” para, compreendendo-a, transformá-la. A alfabetização se transforma em educação libertadora para as pessoas e os povos.

Fonte: Antunes (2008, p. 51).

Nesta perspectiva, o professor não é detentor do conhecimento e nem proprietário do saber e sim uma pessoa que desenvolve um personagem crítico nos momentos de desafios na qual encaminha os alunos ao processo da procura, percebendo que, “*ninguém ignora tudo, ninguém sabe tudo*” (ANTUNES, 2008, p. 52). Pois o professor não poderá ser visto como o dono do saber e do conhecimento, mas poderá ser visto como um ser crítico que chama os alunos para os desafios de novas aprendizagens no âmbito escolar e no cotidiano de sua vida.

Assim, Freire acreditava que todos os docentes deveriam se sentir sujeito de sua história – sendo essa como tempo de possibilidades e não de determinado acabado, percebendo que a educação pode contribuir para a transformação de um mundo melhor. (ANTUNES, 2008, p. 53). Além da grande contribuição de tentar melhorar o mundo com suas teorias, Freire em suas escritas, deixa nítido a necessidade do ato de dialogar.

Deste modo, é importante o docente compreender a grandiosidade do falar em suas interações com os discentes, assim observará os avanços nas relações de aprendizagem. Por que, por meio do diálogo que os alunos sentir-se-ão mais curiosos e estimulados para transformar a sua realidade através do argumento.

É por meio da conversa que ocorre a construção ou reconstrução de conhecimentos, assim como a comunicação com diferentes formas de pensar e agir, possibilitando que possamos refletir sobre as nossas palavras, pensamentos e ações. Pois é mais do que apresentar ideias, seria abrir-se para se relacionar com outras pessoas através do ouvir, falar, estar e ser presente no instante em que se dialoga.

A escola é um lugar que deverá promover ocasiões na qual, o “falar” e “ouvir”, são atribuições do professor e alunos, a todo momento deverão estabelecer o diálogo em diversas situações, até nas mais diversificadas possíveis, assim haverá um envolvimento de todos. Por

isso, as rodas de conversas, são atividades que despertam o interesse de pesquisar um assunto pré-determinado e, além disto, propiciam aprender mais e melhor.

O ato de conversar que é fundamental nas escolas, deverá acontecer de maneira amorosa, acolhedora, respeitosa e lúdica, por que assim, poderá desenvolver, condições necessárias, para que as aprendizagens sejam prazerosas e significativas. No processo de dialogar, quanto mais o docente for acolhedor, compreensivo, amoroso, e que principalmente gosta de desenvolver o diálogo em sua sala de aula, escutando e observando seus alunos, respeitando e sendo respeitado por eles, mais terão prazer em estar na escola compartilhando experiências e aprendendo uns com os outros.

No entanto, não se pode deixar de pontuar a importância e a riqueza de se fazer a comunicação no dia a dia nas práticas de ensino. Pois é no ambiente escolar que poderão possibilitar experiências que auxiliará os alunos a conhecerem a si mesmos e exercitarem o aprendizado democrático e crítico, utilizando o respeito ao próximo, na convivência, no comprometimento de todos.

Para isso, é necessário que o educador estabeleça uma relação dialógica com seus educandos, possuindo abertura e rigorosidade ao “exigir” responsabilidades e posturas construídas por si e pelo grupo. Portanto, o diálogo em sala de aula é fundamental no desenvolvimento do aluno e permite ter respeito com o próximo.

Assim, a interlocução constitui-se como fator fundamental durante o processo de aprendizagem das crianças, pois, além de contribuir no aprendizado o diálogo poderá auxiliar no partilhar ideias, sentimentos, pensamentos, valores, entre outros elementos essenciais no desenvolvimento psicológico, emocional e cognitivo do ser humano.

É importante refletir sobre os objetivos da conversa, e onde se quer chegar e quais as estratégias que promovem essa prática. Segundo professor Celso Henz cita em um de seus artigos a importância de “uma educação humana e humanizadora”, assim o autor deixa claro que nós docentes, “busquemos organizar e desenvolver, com os(as) educandos(as), práxis educativas que entrelacem, no mínimo, cinco dimensões: a ético-política¹³, a técnico

¹³ - Dimensão ético-política: as escolas e o que nelas ensinamos-aprendemos não têm fim em si mesmo, mas estão a serviço de um tipo de homem e mulher que vai se constituindo socioculturalmente dentro de uma sociedade política e economicamente organizada.

científica¹⁴, a epistemológica¹⁵, a estético-afetiva¹⁶ e a pedagógica¹⁷.” Por que só assim, nós docentes estaremos desenvolvendo uma educação inspirada na perspectiva de Freire.

Partindo da perspectiva e das metodologias Freireanas, pode-se refletir e observar que para ocorrer na prática as aprendizagens significativas, é importante respeitar a faixa etária de cada aluno e principalmente seus conhecimentos prévios, seus saberes, histórias e seu jeito individual de estar no mundo. Além disso, é fundamental que os docentes reflitam sobre os conceitos das dimensões que foram citadas antes, e perceber se o “dialogar” está sendo desenvolvido em sala de aula na escola.

Pensando na prática em sala de aula, percebe-se que o desenvolvimento dos alunos é influenciado pelo diálogo e as interações com os colegas e professor também. Por mais que existam alguns problemas e conflitos na hora de dialogar.

A dialogicidade nas teorias de Paulo Freire, envolve a participação do aluno no processo educativo, este é como o sujeito de conhecimento, por isso, o ensino de filosofia na perspectiva freireana é com a criança e não para a criança. Pois não é direcionado o ensino do professor para a criança, e sim o ensino é realizado em fala com a criança.

6.3 PENSAR MELHOR E PRÁXIS: PENSAMENTO CRÍTICO, TRANSFORMAÇÃO SOCIAL, DEMOCRACIA E DOCÊNCIA

O pensar reflexivo, crítico, é apontado como a primeira atitude do filosofar, pensar com critérios, saber argumentar, dar as razões de suas afirmações, e disposição para escutar o que as pessoas também têm a dizer sobre diversos assuntos em pauta, ou em um determinado grupo. Lipman apresenta procedimento de estilo filosófico, que proporciona um ambiente investigativo em sala de aula. Embora se afirme a primazia do perguntar, a educação para o

¹⁴ O domínio técnico-científico é uma das especificidades da educação escolar, sendo condição necessária (mas não suficiente) para quem assume o ofício de educador(a).

¹⁵ Trabalhando com e a partir dos conhecimentos já sistematizados, educandos(as) e educadores(as) vão refazendo a gênese produtora de tais conhecimentos na pluralidade das suas inter-relações, possibilitando assim a construção de novos conhecimentos a partir do que outros(as) investigaram e sistematizaram.

¹⁶ os seres humanos que se envolvem nas práticas educativas precisam ser reconhecidos e assumidos na sua totalidade, vivenciando o diálogo-problematizador, a sensibilidade para com os diferentes contextos, a criatividade, a autonomia, a solidariedade, a responsabilidade, a participação, a afetividade.

¹⁷ : O(a) educador(as) não é aquele que se coloca acima ou diante de seus(suas) educandos(as) para “instruí-los”, mas quem com eles(as) faz a “caminhada”; juntos vão descobrindo e (re)aprendendo o que é importante para ser mais, cada um(a) “dizendo a sua palavra” e “escutando a palavra” do(a) outro(a).

pensar, tanto quanto a pedagogia Freiriana, não caem no engodo do subjetivismo relativista. Para Freire existe uma conscientização de visão do mundo e dos saberes.

A conscientização é, neste sentido, um teste de realidade. Quanto mais conscientização, mais se “desvela” a realidade, mais se penetra na essência fenomênica do objeto, frente ao qual nos encontramos para analisa-lo. Por esta mesma razão, a conscientização não consiste em “estar frente à realidade” assumido uma posição falsamente intelectual. (FREIRE, 1979, p 15).

Existe um constante esforço para buscar a verdade, porque na vida concreta do dia a dia de educandos e educadores as perguntas precisam ter resposta ou meias verdades. Isso é tanto mais dramático quanto mais crucial for o problema que sustenta as perguntas, seja no conjunto de uma situação social, seja nas situações singulares de cada aluno.

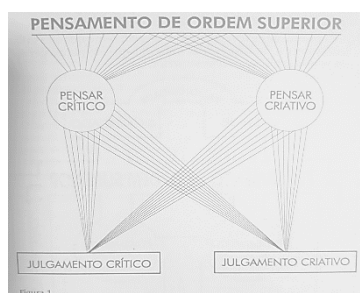
Assim, os docentes e discentes precisam ter um pouco de consciência para refletir sobre diversos assuntos. Freire diz que, “A conscientização não pode existir fora das “práxis”, ou melhor, sem o ato – reflexão. Esta dialética constitui, de maneira permanente, o modo de ser ou de transformar o mundo que caracteriza os homens. (FREIRE 1979, p.15). A educação para o pensar, promove o respeito entre os envolvidos, é importante incentivar os alunos desde a infância pois, os mesmos poderão transformar-se em adultos pensantes e críticos.

Neste modo, aqui se parte, portanto, da antecipação de que uma educação para o pensar desde a infância ou filosofar com as crianças, é uma alternativa pedagógica fundamental para o despertar e nutrir a curiosidade das crianças, e assim, desenvolver a capacidade de formular perguntas, pensar e expressar respostas, abrir novos horizontes, sempre incluindo o diálogo como algo fundamental na vida de todos, e passando sobre situações na qual proporcionam vivências significativas do seu próprio cotidiano, como de convicções, crenças, atitudes, formas de compreensão as normas entre outras vivências do dia a dia. Lipman destaca que:

O que constitui o ato de pensar? Para alguns especialistas, pensar bem é pensar de maneira precisa, consistente e coerente; para outros, é pensar de modo ampliativo, imaginativo e criativo. Estes destacam o exemplo do bom pensar na literatura; aqueles valorizam ocasiões do seu uso na história da ciência ou concebem-no como o emprego da metodologia científica. Alguns filósofos afirmam que ele incorpora a deliberação e o julgamento. Alguns educadores declaram que ele ajuda-nos a decidir sobre aquilo em que devemos acreditar; outros sustentam que as decisões acerca de crenças não cabem em um contexto escolar e que o professor deveria ter como meta ajudar os estudantes a descobrir somente aquilo de que eles têm evidências suficiente para sustentar. (LIPMAN, 1995, p. 13).

Desse modo, a educação para o pensar bem, visa a despertar nas crianças o conhecimento do pensar adequado, ou do pensamento de ordem superior¹⁸. Matthew Lipman no livro, “O pensar na Educação”, na figura de número 1, representa as ligações do pensamento de ordem superior, quer dizer que, as pessoas que pensam desta maneira, usam o pensar crítico e criativo, assim dialogando e estabelecendo um julgamento que também seja crítico e criativo. Lipman (1995, p 39) ainda diz que: “Não há pensamento crítico sem o mínimo de julgamento criativo.

Figura 3 - O pensamento de ordem superior e sua importância no desenvolvimento da criança



Fonte: Lipman (1995, p. 39).

Nesta perspectiva, o pensamento de ordem superior, demonstra que é importante refletir e dialogar para despertar o pensamento tanto crítico e criativo, assim a atitude dialógica será algo com disposição de escutar o diverso, de continuar pensando, buscando um novo desafio, um novo conhecimento, para que assim, haja o julgamento certo dos fatos. Logo, o que é pensado e refletido faz um exercício da autonomia e implica tanto a consideração pela palavra dos outros quanto a atitude crítica e auto-crítica, que leva a disposição à autocorreção, como afirma Lipman.

Para Lipman, “a comunidade de investigação, especialmente quando utiliza o diálogo, é o contexto social mais apropriado para a geração do pensamento de ordem superior.” (1995, p. 40). Pensar bem, pensar certo, já é um exercício da autonomia e consciência de que estamos dentro de um processo aberto, que não se fecha sobre a primeira convicção como se fosse um dogma.

Quem aprende a pensar, está continuamente disposto a aceitar o diverso do próprio e a continuar mudando, no pensar e no agir. Freire relata no livro de conscientização que, “A conscientização nos convida a assumir uma posição utópica frente ao mundo, posição esta que converte o conscientizado em “fator utópico”. (FREIRE, 1979, p. 16). Nessa perspectiva, a

¹⁸ 1. O pensamento de ordem superior ocorre sob a égide de duas idéias reguladoras – a verdade e o significado.
2. O pensamento de ordem superior envolve o pensamento tanto crítico quanto criativo. (LIPMAN, 1995, p. 39).

conscientização desperta a autonomia do ser humano e quando é desenvolvido na infância a utilizar a conscientização, mais diálogo e respeito os alunos terão em suas palavras em seus pensamentos. Assim, poderão construir suas ideias e poderão ir em busca da autonomia.

Assim, existe uma insistência do filósofo Lipman em adotar uma forma de educação desde a infância, na qual as crianças estão mais dispostas ao exercício da curiosidade e para chegarem ao pensar crítico e autônomo elas precisam qualificar essa curiosidade espontânea.

Segundo Brocanelli (2010, p. 28):

Os alunos e o professor, nesse contexto, não se perdem em assuntos que não lhes interessam, mas, despertados para a curiosidade, lançam-se numa tarefa comunitária de discurso dialógico e produtivo, num mundo novo que lhes traz significados e novas perspectivas de vida através do pensar melhor, da reflexão e da crítica.

Nesta perspectiva, Matthew Lipman foi pioneiro na iniciativa de desenvolver um Programa e Filosofia na escola, proporcionando, à disciplina de Filosofia fazer parte de “um trabalho que une a Filosofia com a Pedagogia num só momento (como a Grécia Antiga)” (BROCANELLI, 2010, p. 28). Assim, o aprender e ensinar surgem como algo prazeroso na vida do docente e discente.

Nas palavras de Freire, passar da curiosidade ingênua, para a curiosidade epistemológica da consciência crítica e para esse processo evitar a prepotência, própria de quem se fecha sobre si mesmo e suas verdades, ambos acentuam o diálogo como o melhor antídoto. Freire diz que, “O diálogo é o encontro entre homens, mediatizados pelo mundo, para designá-lo. (FREIRE, 1979, p. 42).

Mas a arte da conversação também se aprende? Precisamos aprender a dialogar com o outro, ouvir, escutar e refletir é, de extrema importância, principalmente no mundo em que vivemos hoje. Pois a tecnologia por um lado está distanciando momentos de conversas verdadeiras e respeitadas, por que existem certos fatos que “jogam” nas redes sociais, nas mídias em modo geral as chamadas ¹⁹*Fake News*, provocando dúvidas, ódio e a discórdia, deixando o diálogo longe da realidade.

Pois, tais Fake News são responsáveis por afirmar fatos verdadeiros que na verdade não são, entende-se que a mídia é importante e necessária, mas cada vez mais está trazendo muitas mentiras. Por isso é importante utilizar na vida pessoal e como profissional ter filtros para não se deixar levar nas mentiras impostas nas mídias e precisamos pensar, refletir, dialogar e

¹⁹ Fake News: é notícias falsas que são espalhadas rapidamente e muitas apelam para o emocional do leitor, chamando atenção com títulos sensacionalistas e causando o consumo do material “noticioso” sem a confirmação da veracidade de seu conteúdo. Causando discursos de ódio, preconceitos entre outros problemas.

pesquisar e buscar conhecimentos sobre os assuntos duvidosos. A educação, a escola, os docentes são fundamentais para desenvolver que se aprende a questionar a opinião, as ideias da mídia, e a buscar a verdade do conhecimento. E isso passa pela busca dialógica, com os outros. Mas é preciso aprender a dialogar, principalmente diante do fato de haver muitas pessoas que não aceitam as opiniões contrárias e acabam não tendo uma relação de respeito e diálogo com a outra. Por isso que é necessário aprender a dialogar.

Lembro de quando era pequena, aprendia a ler, escrever e fazer cálculos, assim como vários alunos que tiveram este mesmo ensino. Várias vezes errávamos, corrigíamos e íamos aprendendo. Na escola aprendemos a pronunciar as palavras corretamente e outros idiomas.

Mas é difícil encontrar um docente que ensine os alunos o princípio básico da comunicação, que ensine a dialogar. Por que será? Quantos momentos queríamos dizer algo e acabávamos dizendo outra? E as vezes que sentíamos que nos expressávamos mal? Ou quando percebíamos que não nos entenderam? E quantas vezes alguém na escola nos ajudou a melhorar nossa comunicação? E assim, muitas crianças que se tornaram adultos, acabam repetindo defeitos de comunicação que foram adquiridos desde a infância, possuindo bloqueios e insistindo nos mesmos erros, pois não aprenderam a se expressar e dialogar.

Pensando em sala de aula e na docência, o diálogo é necessário, assim percebemos os conhecimentos que os alunos possuem, muitas vezes o falar é visto como algo barulhento, que os alunos querem chamar atenção, mas na realidade não é assim.

As crianças possuem vários conhecimentos e são transparentes, sinceras em suas falas. Possuem um mundo com muita imaginação, contam histórias que trazem sentidos à vida, anseios, angústias e alegrias. Muitas apenas querem ser escutadas, possuem muitos porquês, curiosidade sobre o mundo.

Uma pedagogia autoritária, sem diálogo, não pode formar para a democracia e também não forma bons cidadãos. Forma para o autoritarismo, na qual alguns mandam e a maioria obedece, não possuindo comunicação entre ambos. Uma pedagogia que apresenta verdades prontas para serem assimiladas pelas crianças, não pode ajudar a desenvolver o pensar crítico e a autonomia, o dogmatismo das verdades prontas a serem apropriadas sem questionamentos forma pessoas incapazes de exercer o diálogo, a democracia. Segundo o autor;

A educação crítica é a “futuridade” revolucionária. Ela é profética – e, como tal, portadora de esperança – corresponde à natureza histórica o homem. Ela afirma que os homens são seres que se superam, que vão para a frente e olham para o futuro, seres para os quais a imobilidade representa uma ameaça fatal, para os quais ver o passado não deve ser mais que um meio para compreender claramente quem são e o que são, a fim de construir o futuro com mais sabedoria. Ela se identifica, portanto, com o movimento que compromete os homens como seres conscientes de sua limitação,

movimento que é histórico e que tem o seu ponto de partida, o seu sujeito, o seu objetivo. (FREIRE, 1979, p. 42).

Por isso que, tanto Freire, na sua proposta de educação crítica, quanto Lipman, com sua educação para o pensar desde a infância, foram comprometidos com a transformação das situações de opressão, insistem em suas pedagogias para a autonomia e, cada um à sua maneira, apresenta as condições para o seu exercício.

Neste sentido, esperamos que o docente desenvolva um trabalho com as crianças, na perspectiva da educação para o pensar, em sua essência dialógico, como se fosse um convite constante e um diferencial que auxilie as crianças a desenvolverem as disposições dessa faixa etária, exercendo a curiosidade, a imaginação e a criatividade na direção do pensamento reflexivo e crítico, através do diálogo.

O diálogo tem muitas dimensões, das quais acentuamos primeiramente dois aspectos fundamentais: direito de se expressar, de dizer a sua palavra, o dever de escutar os outros, que tem o mesmo direito, como dimensão cognitiva ou epistemológica, a interlocução é o meio pelo qual se consolidam conhecimentos, definem conceitos, esclarecem dúvidas, descobrem contradições e alargam os horizontes de compreensão dos dialogantes, sob o aspecto do desenvolvimento da consciência moral, o dialogar já é atitude, comportamento, de escuta e consideração pela palavra dos outros, de disposição para se expressar de forma coerente e confiante, de dizer o que de fato se sente e se pensa. Assim, é indispensável ao desenvolvimento da autoestima e do reconhecimento mútuo dos dialogantes. Freire relata que;

O diálogo é o encontro no qual a reflexão e ação, inseparáveis daqueles que dialogam, orientam-se para o mundo que é preciso transformar e humanizar, este diálogo não pode reduzir-se a depositar idéias em outros. Não pode também converter -se num simples intercâmbio de idéias, idéias a serem consumidas pelos permutantes. Não é também uma discussão hostil, polêmica entre homens que não estão comprometidas nem em chamar ao mundo pelo seu nome, nem na procura da verdade, mas na imposição de sua própria verdade. (FREIRE, 1979, p. 42).

Neste contexto, de reflexão sobre o diálogo, percebe-se que o autor Paulo Freire destaca uma práxis dialógica, pedagógica-política e democrática, pois suas obras e vida traz em sua escrita a clara opção política contra desrespeito, autoritarismo, desigualdades, entre outros atos que menosprezam o ser humano e os inferiorizam.

O constante diálogo liberta os indivíduos por meio de uma educação crítica e transformadora que poderá surgir através da educação como uma prática de liberdade, na qual requer, uma participação, comunicação e uma autonomia como partes principais da práxis humana. Nesta perspectiva de Freire, existe uma educação humanizadora que somente se realiza

na companhia de uma práxis realmente democrática. Freire destaca que “*Nós estamos ainda no processo de aprender como fazer democracia. E a luta por ela passa pela luta contra todo tipo de autoritarismo (Freire, 2000a, p. 136)*”.

A pedagogia de Freire além de relatar e estabelecer conexões com a escola e sala de aula, ela também tem relação ao contexto que enfrentamos nos últimos anos de opressão social e da falta de democracia na qual foi vivenciado no início do ano de dois mil e vinte três e conforme os anos anteriores.

Percebe-se que não existe uma neutralidade e que toda educação é uma política, assim como que toda política ela é educativa. Por isso, o método dialógico e problematizador de Paulo Freire, se resume em uma práxis com o objetivo de libertar a opressão atuante de nossa sociedade.

O autor Matthew Lipman (entrevista) afirmou que “existe uma relação muito estreita entre filosofia e democracia. Pois, não é só uma questão de filosofia adulta e democracia adulta. Se tentamos desenvolver cidadãos democráticos e se quisermos usar o sistema educacional para dar forma e moldar o caráter individual das crianças, a fim de se tornarem cidadãos fortes, numa democracia forte, acredita-se então que a filosofia para crianças tem um grande mérito.

Um dos fatores mais importante da filosofia de Lipman é de que, um cidadão precisa ser capaz de usar a sua capacidade de julgar. Não só saber tomar decisões, mas saber tomar decisões justas, críticas e criativas.

Quando voltamos a nossa atenção para a filosofia de Sócrates e de Platão nos deparamos com um objetivo prático geral, para responder à situação concreta da Polis naquele momento da história: resolver o problema do estado através da formação ético-política dos cidadãos. De certa forma os grandes sofistas se dedicaram a esse objetivo, mas a finalidade exigia uma formação ética, que se refere ao caráter, melhor, a um certo gosto especial pelo público, acima do interesse individual.

Assim, lembremos rapidamente da finalidade formativa da filosofia em Sócrates e Platão. Nesta perspectiva, não importa se o que atribuímos a Sócrates nos foi legado pelos discípulos, especialmente o mais influente de todos, que é Platão. O que mais importa especialmente é o objetivo mais imediato de sua atuação filosófica, e que se refere diretamente ao contexto concreto de Atenas, do final do século IV a.C.

Uma Atenas que era arrasada pela longa guerra do Peloponeso²⁰, em plena derrocada econômica, a política minada de corrupção e de traições. Porém, Sócrates sabia que o “caos”

²⁰ Foi uma guerra, qual contribuiu o enfraquecimento das cidades gregas.

iria passar por um processo de transformação profunda da mentalidade, na qual ele acreditava ser possível através da educação.

Por isso, se pode dizer que o filosofar Socrático, havia um objetivo ético-político, qual seja, “educar para a cidadania”. Neste caso, fica explícito que Matthew Lipman se inspirou em Sócrates. Pois ele propôs a mesma finalidade para a sua proposta de “educação para o pensar”.

A Democracia supõe pluralidade de opiniões e argumentos diante de uma questão determinada pelo simples motivo de não poder supor verdades estabelecidas, ao modo de dogmas religiosos. Daí o apelo ao argumento e à razão. Por isso que os Sofistas tiveram papel importante naquele contexto, na qual o foco de estudos dos Sofistas eram as relações sociais e individuais do ser humano.

Assim, a contribuição mais importante de Sócrates é metodológica, mas o método não consiste na prescrição de uma forma de procedimento para se atingir determinados objetivos. Visto que, o método é o próprio caminho ou o processo de formação, que pode ser chamado de “maiêutica”, este método, consiste em uma prática filosófica, na qual através de perguntas, o interlocutor, é levado a dialogar e a descobrir a verdade sobre algo. Esse é o aspecto fundamental do método que é vigorosamente retomado na “filosofia educação para o pensar” de Lipman.

Ao falar dos principais aspectos ou movimentos do método socrático e, ao mesmo tempo, já incluindo aspectos formulados e legados escrito nas obras de Platão, apresenta-se o primeiro aspecto desse procedimento dialógico, que visa resgatar e desenvolver o espírito de cidadania, é o do pensar crítico, indispensável diante das circunstâncias culturais vigentes e da tendência do ser humano à acomodação ao estabelecido. Não é só naquele contexto de conturbação política, de confusão do pensamento e de corrupção que a “ironia” socrática é indispensável.

Tanto quanto naquele contexto, também na presente situação de um mundo fantasioso construído pela mídia, em torno dos ideais de vida boa e feliz nesta sociedade capitalista de mercado, o movimento crítico do diálogo pedagógico é a mediação mais eficaz para desalienação das consciências e, positivamente, a conscientização. A mesma conscientização que Freire defende na pedagogia dos oprimidos.

Matthew Lipman se refere a esse aspecto como sendo aquele no qual os participantes de um diálogo vão se dando conta da precariedade e da incoerência de suas convicções e afirmações; da ilusão de que são autênticas e nossas, quando geralmente nos foram impingidas com a finalidade de manipular as nossas preferências.

Segundo professor Luiz Gilberto Kronbauer, na “maiêutica socrática” percebe-se que existe uma “ironia pedagógica”, um traço crítico do diálogo, que visa nos levar gradualmente à experiência de que não sabemos o que pensávamos saber, ou, pelo menos, de que o saber que possuíamos não era nosso, autêntico. É a experiência da “*docta ignorantia*” expressa no “sei que nada sei”.

Quando vivenciamos essa experiência o processo educativo não pode levar ao fechamento, ao aprisionamento do educando em sua sensação de incapacidade para o saber. O “Sei que nada sei” é abertura, predisposição para novas experiências, para aprender o que é verdadeiro, bom e belo. Pois essa sensação de ignorância, de vazio interior, é a um só tempo experiência e finitude, na forma inacabamento, e também de impulso para a busca, mas apenas como possibilidade.

Por isso que, na continuidade desse caminho, Sócrates sugere um movimento de “imersão”, um retorno a si mesmo, próprio da reflexão. Em síntese essa procura interior vai na direção do autoconhecimento: conhece-te a ti mesmo. É ali, no mais íntimo da consciência de cada pessoa que, segundo Sócrates, que cada um se encontra com as suas capacidades e virtudes; com o verdadeiro, o bom e o belo. Lipman (1990, p. 67) afirma que, “uma pessoa que tem caráter de “bom cidadão” é aquela que internaliza – isto é, adota como seus- os mecanismos sociais de racionalidade na prática institucional”.

Se retornarmos ao objetivo desse método podemos agora perguntar: como se chega à formação para a cidadania? Como acontece essa formação ético-política? É fundamental que não nos esqueçamos do diálogo, ele é o caminho e o próprio caminhar.

Neste modo que, desde o início nada teria sido possível sem o diálogo crítico. Do mesmo modo, o movimento reflexivo, embora seja estritamente subjetivo, somente é possível pelo diálogo. Neste caso, é nas interlocuções com os outros que cada pessoa está se subjetivando dialogicamente. Ou, numa linguagem mais ao gosto atual, a subjetivação se dá pela relação entre sujeito e sujeito e/ou sujeito e objeto, por isso, sempre poderá ocorrer o diálogo. O filósofo (LIPMAN. 1990, pg. 67), afirma que “o objetivo não é dar às crianças teorias éticas acabadas pelas quais devam se conduzir, mas sim, equipá-las com as ferramentas da reflexão dentro de um contexto de investigação – isto é, de um contexto cuja metodologia é de autocrítica e autocorreção contínuas.

Mas, no caso das proposições de Sócrates podemos dizer mais um elemento, fundamentalmente ético-político e, por isso mesmo, ser prático, ser autêntico, ser congruente, como prefere a psicologia socrática de Rogers. Em termos prático-políticos isso significa “viver

em conformidade consigo mesmo”, com aquilo que se é enquanto interioridade e concretamente, ser verdadeiro, bom e belo em tudo o que se faz.

Assim é o caráter de um ‘verdadeiro cidadão’. E é desse tipo de cidadão, imprescindível, para que a justiça seja o sangue que circula em todo corpo social. Justiça que tem como critério o que está na interioridade de cada pessoa que não é corrompida: a verdade, a beleza, o bem. Lippman (1996, p. 7) diz que, “pensar é a internalização da fala e que o comportamento recíproco desempenha papel importante no aprender a pensar”. Nesta perspectiva, é necessário que tenham incentivos desde pequenos, para que as crianças possam ser seres fortes, que possuam as suas palavras. Deste modo, as crianças estarão sendo convidadas a despertar para o protagonismo infantil, na qual elas poderão perceber que são agentes importantes na sociedade e capazes de transformar a maneira de enxergar o mundo em sua volta. Pois as crianças que não se fizerem fortes em sua infância, quando chegarem na vida adulta poderão ser pessoas frustradas, na qual não aprenderam a linda arte de dialogar, na qual falar e escutar é importante e precisa ser levado para a vida toda.

Mas como o processo de aprender a dialogar continua e as possibilidades de acomodação nos acompanham, juntamente às frequentes tentações de seguir falsas ideais, o diálogo crítico não pode jamais ser deixado de lado como algo momentaneamente desnecessário. Lipman tem inspiração em Sócrates e Platão e a ela acrescenta o espírito pragmático a filosofia americana, especialmente de John Dewey. E dessa junção é que brotam os objetivos da “filosofia para crianças” ou “educação para o pensar”.

Refletindo sobre a importância do desenvolvimento das crianças sob as orientações da escola, que ajudam a desenvolver “regras de convivência com o outro” assim como, a possuírem direitos que são delas e os deveres que lhes são específicos.

Neste contexto, acredita-se que a Filosofia ajudará a desenvolver o senso crítico com uma base epistemológica e a politização de futuros cidadãos, assim trará um melhor caminho para a construção de uma democracia de consciência ou de seres democráticos. Freire diz que: E nós estamos ainda no processo de aprender como fazer democracia. E a luta por ela passa pela luta contra todo tipo de autoritarismo (Freire, 2000a, p. 136). A filosofia de Freire se posiciona a favor da justiça, liberdade, da ética e da autonomia do ser humano, da sociedade e escola. Mas Freire percebe que a democracia não acontece tão rápido.

Freire entende que a democracia, a autonomia e a liberdade são um processo, que pode ser desenvolvido com as crianças desde a infância com muito respeito e diálogo. Esse processo faz parte da nossa própria humanização do ser humano, da vocação, segundo Freire. Uma vocação que atua em condições concretas e que na sua práxis vai partejando o novo, já que o

ser humano é um ser molhado de história, como gosta de dizer, ou seja, “...um ser finito, limitado, inconcluso, mas consciente de sua inconclusão. Por isso, um ser ininterruptamente em busca, naturalmente em processo” (Freire, 2001, p. 18).

Assim, surgem escolas democráticas, na qual essas escolas se baseiam em princípios democráticos, na democracia participativa, dando direitos de participação para funcionários, professores e estudantes. Segundo o Estatuto da Criança e do adolescente (ECA), no parágrafo único.

A participação da criança na formulação das políticas e das ações que lhe dizem respeito tem o objetivo de promover sua inclusão social como cidadã e dar-se-á de acordo com a especificidade de sua idade, devendo ser realizada por profissionais qualificados em processos de escuta adequados às diferentes formas de expressão infantil. (Lei nº 8.069, de 13 de 1990, p.188).

Além de passarem necessariamente pelo direito de acesso e permanência na escola e à uma boa educação, supõem que esse direito mais abrangente, próprio das sociedades democráticas, depende da formação das pessoas para, de um lado, desenvolverem as capacidades necessárias para o exercício de ser um bom cidadão, e, de outro, a consciência de que a garantia desse direito não o garante. Ele é uma conquista social e de cada pessoa, que nunca está garantido de forma estável.

Assim, percebemos concretamente no contexto brasileiro nos últimos anos, em que direitos fundamentais são anulados legalmente, como no caso da reforma trabalhista e da previdência, e o exercício da cidadania atropelado com decisões à revelia dos interesses sociais.

Neste caso, esse não é o único problema da democracia e da garantia dos direitos de plena cidadania, mas enquanto continuarmos com as práticas tradicionais, antidemocráticas, que Freire caracteriza como “educação bancária”, certamente estaremos à mercê das recaídas autoritárias em todas as instâncias sociais e políticas. Sem uma educação que propicie o exercício do pensar crítico, reflexivo, de cada educando, a autonomia soa como palavra vazia, ainda que conste na legislação. Freire diz que:

O educador e a educadora críticos não podem pensar que, a partir do curso que coordenam ou do seminário que lideram, podem transformar o país. Mas podem demonstrar que é possível mudar. E isto reforça nele ou nela a importância de sua tarefa político-pedagógica. A professora democrática, coerente, competente, que testemunha seu gosto de vida, sua esperança no mundo melhor, que atesta sua capacidade de luta, seu respeito às diferenças, sabe cada vez mais o valor que tem para modificação da realidade, a maneira consiste com que vive sua presença no, de que sua experiência na escola é apenas um momento, mas um momento importante que precisa de ser autenticamente vivido. (FREIRE, 1996, p. 58).

Nesta perspectiva, o docente tem um papel fundamental na vida dos alunos que poderá ser feito através de suas metodologias, utilizando o pensamento e o diálogo abordando questões como política, democracia e as vivências dos alunos, podendo entrelaçar vários questionamentos da vida real, na qual, poderá ser questionada em sala de aula. Os alunos precisam ser despertados para refletir sobre vários acontecimentos, como: sociedade, política, democracia, a vida e sua realidade.

Pois, assim estarão preparados para enfrentar o mundo quando adultos. A escola não é apenas um lugar para ensinar ler e escrever ou passar conteúdo, nela existem pessoas que trazem consigo muitas histórias, anseios, medos, frustrações e além disto, muitos passam por necessidades, falta de alimentos, falta de carinho e de incentivo para seguir em frente nos estudos.

Portanto, a escola precisa ser um ambiente que acolhe, mas que ao mesmo tempo ensina, aprende e prepara os alunos para enfrentar o mundo. Nesta perspectiva o diálogo e o pensar crítico ou reflexivo são passos importantes para um bom desenvolvimento pessoal e intelectual do aluno. Assim, Lipman diz que, a comunidade de investigação em vários sentidos, se torna uma aprendizagem conjunta. Na qual, todos estão em um processo de aprendizagem.

A abordagem da comunidade de investigação, é atualmente um componente pequeno, porém crescente, da educação, da educação elementar contemporânea. Ela precedeu a demanda popular pelo pensamento crítico nas escolas, e é comprovadamente o melhor exemplo do tipo de reforma educacional que pode ocorrer. (LIPMAN, 1995, p. 353).

Ambos, Lipman e Freire buscam apresentar em suas perspectivas de ensino que as escolas têm um papel fundamental e, ao desenvolver suas abordagens de ensino muitas vezes com ou sem intenção tragam o diálogo como algo necessário para a busca de novos aprendizados e que na prática, apresentam propostas inovadoras com o objetivo no pensar, refletir, observar e dialogar, buscando uma autonomia no pensamento filosófico e o pensar certo desde a infância. Buscam, portanto, despertar nos alunos o desejo de aprender a pensar e refletir sobre diversos assuntos e, com isto, as crianças poderão despertar e descobrir novos meios de pensar e observar, o eu e também o outro, no ambiente escolar, na família e comunidade.

A criança, desde pequena, poderá desenvolver as capacidades de pensar por si mesmo quando for despertada a autonomia, ao diálogo, a respeitar as opiniões e conhecimento do eu e do outro em situações diversas do seu dia a dia durante sua vida infantil, que após levará para a vida adulta, sendo assim um adulto mais leve e compreensivo em opiniões e atitude.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A educação nas outras disciplinas não envolve tanto conhecimento quanto aprender a pensar uma disciplina – pensar historicamente, fisicamente, antropoliticamente, matematicamente, etc. A filosofia implica aprender a pensar sobre autocorretivamente sobre o nosso próprio pensar. (MATHEW LIPMAN, 1990, p. 59).

Começo as considerações finais perguntando-me, se consegui aproximar o resultado da pesquisa com que me propus no início, especialmente no que se refere ao propósito de estabelecer um diálogo em torno da educação infantil, exatamente sobre a importância da dialogicidade, a partir dos autores que tomei como referência teórica e metodológica: Mathew Lipman e a sua proposta de educação para o pensar, a filosofia com as crianças, e Paulo Freire, com o seu método dialógico de alfabetização-conscientização...”

Para que sejam explicitadas as últimas considerações finais, nada melhor que relembrar os elementos iniciais da pesquisa, como objetivos gerais e os objetivos específicos, assim revisitando-os com o intuito de consolidarmos toda a caminhada construída até o presente momento, observando e compreendendo o alcance e algumas limitações.

Para dar conta do objetivo geral, de “compreender como se promove a educação para o pensar na escola, ao utilizar uma docência mais crítica, voltada ao estilo filosófico, na educação infantil, avaliando as contribuições dos autores Lipman e Freire”, foram destacados quatro objetivos específicos, os quais serão pontuados nas próximas linhas.

Quanto ao primeiro objetivo específico, constituindo em “destacar o processo de desenvolvimento de uma educação filosófica para o pensar com crianças, na perspectiva de Matthew Lipman”, logo, o terceiro capítulo desenvolveu e aprofundou as teorias e conceitos que a pesquisa utilizou para dar critérios e formas de rigor acadêmico quanto ao processo de seu desenvolvimento. Neste capítulo, esclarecemos a forma de como o pensar filosófico é importante no processo de construção e amadurecimento do pensamento.

Para contemplar os demais objetivos, buscamos, no aporte teórico e nas considerações dos escritores, um diálogo constante com as ideias de alguns autores, para compreendermos a presença dos conceitos, de forma que fosse possível usarmos conceitos amplos de um pensar filosófico voltado a sala de aula com alunos da educação infantil, com um pensamento ligado nas teorias dos autores e na prática em sala de aula, com o pensamento de construir uma educação dialógica.

No decorrer deste trabalho, buscamos atender um problema de pesquisa específico, em que construímos um caminho para o principal anseio de compreensão, ou que talvez pudesse chegar neste momento com alguma resposta ou com algumas reflexões para um caminho

possível, no qual houvesse compreensão, respeito e diálogo com os alunos e entre os alunos na educação infantil. No sentido em que Lipman (1990) referiu que:

A filosofia está encontrando um lugar respeitável no sentido de 1º. e 2º. graus é porque educadores sisudos descobriram que as crianças estão encantadas com ela e que a filosofia contribui significativamente para o seu desenvolvimento educacional, mesmo na área de “habilidades básicas” como leitura e matemática. (p. 19).

Neste caminho de ação e reflexão que se transmuta e possibilita a todo instante, de acordo com a educação, assim, o docente acabará vivendo um processo contínuo de reinvenção e adaptação no que se diz respeito ao educar e dialogar. Mas, para isso, precisa-se de motivação e aceitar as descobertas das crianças, escutar suas teorias, dialogar, porque assim acontecerão os processos de escuta e fala, e para construir-se docente é importante respeitar o protagonismo da criança e seus conhecimentos prévios.

A pergunta que envolveu a pesquisa pode ser retomada neste momento e servir de apoio nessa avaliação indireta do percurso feito: “De que modo educação para o ²¹ pensar e pensar certo podem ser desenvolvidos na relação pedagógica com as crianças na educação infantil?”. Ao retomá-la, no final, acreditamos e estamos cientes que esta questão é inacabada e que estamos longe de uma educação dialógica, tendo-se muito a pensar e melhorar, a educação infantil melhorou em vários aspectos metodológicos, pois há grandes docentes que possuem consciência do protagonismo infantil e sabem de como é importante no desenvolvimento da criança.

Mas, tem-se muito que pensar, no contexto geral, acerca da desvalorização da classe docente, da falta de recursos escolares, da superlotação de turmas, do ensinar em muitas escolas que acabam sendo apenas o “cuidar”... Como ter diálogo nessas condições? Como dialogar com crianças de 2 e 3 anos em uma turma com vinte alunos? Tem muito a pensar e refletir na educação vivenciada nos tempos de hoje.

Pensando na valorização do pensamento e refletindo sobre o que já foi escrito, sabe-se que o ser humano por si traz, em sua identidade, o pensar. Mas, no momento que ocorre a desvalorização do pensamento, o ser humano perde sua essência e, ao mesmo tempo instrumentaliza-se e anula-se aos fatos, então, percebe-se que vivemos em um mundo

²¹ Pensar, é dar ao aluno oportunidades de descobrir suas capacidades, romper os seus limites e permitir que desenvolvam o raciocínio lógico, em todos os aspectos, como o intelectual, social e emocional.

descartável, individualista e oportunista, em um sistema de muitas ²²ideologias impostas a uma grande massa dominada.

Quando me propus a desenvolver essa pesquisa no mestrado, já tinha plena consciência da importância da filosofia e do procedimento dialógico no âmbito educacional – melhor ainda, na educação infantil. A frase de Lipman (1990), refere-se a importância do professor em exercer o papel de alguém que instigue a pensar, não somente a reproduzir o que foi falado, por que a educação não poderá ser vista como uma atividade de educadores sobre educandos: “o professor tornou-se parte de uma intervenção adulta cuja intenção era libertar o processo de pensamento no aluno, para este começasse a pensar por si próprio, em vez de papaguear o pensamento do professor ou do livro texto (p. 164). Assim, percebe-se que a educação das crianças poderá ser um ponto de partida rumo ao que é viável, mas para isso é necessário pensar sobre as práticas entre os docentes, respeitando as diferentes maneiras de pensar, partindo dos ensinamentos que nos antecederam e como isso interfere no que somos.

A discussão apresentada procura demonstrar e questionar o significado e as possibilidades da importância do diálogo, do pensar crítico e da filosofia com crianças pequenas na sala de aula. Com base na história e evolução das metodologias e o respeito aos docentes e suas jornadas incansáveis, é possível compreendermos como chegamos a esta educação que participamos, bem como as possibilidades que começam a se movimentar para a educação infantil no futuro. Refletindo sobre o papel que o educador quer desempenhar no processo dinâmico e em constante movimento chamado educar que se refaz no agora, mas tem seu ponto de partida no início da formação de uma sociedade.

Uma educação com a presença de diálogo, do pensar, que seja ciente das desigualdades sociais e que vem ao encontro de uma educação crítica, apresentada desde a educação infantil é o caminho fundamental para a melhora e até a mudança do mundo. Logo, percebemos que a educação, sozinha, não consegue mudar o mundo e a maneira que vivemos, mas a mudança de mundo na qual falamos precisa ser construída na base, e isso se inicia na educação infantil, na

²² Entendemos por ideologia um conceito entrelaçado à política e à sociedade (relações de domínio), ou seja, a atitudes e ações humanas ou fenômenos sociais onde existem classes dominantes e classes dominadas. Nessa relação são “impostas” falsas morais ou morais detidas impostas pelas classes dominantes. Para Marx, a ideologia seria uma falsa teoria ou uma falta consciência, um mascaramento de um sistema social. É um conjunto de ideias que a sociedade crê serem verdades, refletem os interesses de uma classe (para nós a dominantes.) Marx destaca como ideologia as ideias e regras morais ou as crenças religiosas. A classe social dominante “mascara” ou “oculta” mediante estudo, é “função” da Filosofia motivar o pensamento crítico do homem para que ele saiba discernir as ideologias, podendo fazer escolhas claras e conscientes de tudo que é estabelecido pela sociedade e seu sistema. É permitido que o homem tenha a capacidade de “ler” a vida social e construir um discurso próprio. (BROCANELLI, 2010, p. 105).

educação das crianças, através de muito diálogo, ação-reflexão, e precisa ser feita todos os dias, sendo os docentes as peças mais importantes deste projeto.

Mas, para que isso ocorra, precisamos superar o modelo tradicional de escolarizar de como ensinar nossos alunos. Para buscar um rompimento com o modelo tradicional de compreender o conhecimento, as metodologias aplicadas em aula e as capacitações dos professores precisa ser repensada e ressignificada, pois a docência percorre o espaço de aquisição de técnicas e de conhecimentos e ressalta um espaço de socialização e discussão. Para que assim, desconstrua o autoritarismo sobre os alunos.

Pensando no filme que se chama “Matilda”, em que há uma escola com metodologias tradicionalistas que são impostas pela diretora, quem usa o autoritarismo para “amedrontar” as crianças na escola, percebe-se que este filme deixa claro que a falta de amor, respeito, empatia e carinho com as crianças, transforma uma escola triste, que não instiga ao pensar e refletir, uma escola sem sucesso com crianças bloqueadas no aprendizado.

O texto nos faz questionar e refletir ideias sobre o diálogo e o pensar filosófico entre docentes e discentes, pontuando o Programa de Lipman e suas teorias, as quais contribuem para uma educação voltada para o diálogo e o pensamento crítico. Este questionamento encontra-se em todo trabalho, buscando um pensamento crítico e dialógico entre alunos e professores, ancorado nas ideias de Paulo Freire, no sentido de que o diálogo e o pensamento não têm apenas a capacidade de reconhecimento, mas que também tem um poder de transformação, através do ensinamento e da reconstrução de atitudes.

Através do diálogo, do pensamento crítico e comunicativo, buscam-se novas perspectivas no processo pedagógico, a fim de possibilitar uma educação com formação reflexiva, na qual poderá ser voltada à uma leitura crítica com um poder de transformação de realidade, sem cair em falsas ideologias, mitos e Fake News.

Se pontuarmos os prejuízos da pandemia causada pela Covid-19, que vai além das *Fake News* e que precisam ser refletidas, observamos que existe uma necessidade de ampliar o campo de debate em priorizar os assuntos que demandam decisões ligadas a educação e ao aprendizado das crianças, bem como a educação infantil, que foi uma das mais prejudicadas, principalmente na socialização, diálogo e pensamento.

Quando retornamos para a sala de aula no ano de 2021, nós docentes percebemos um certo atraso, tanto na fala no desenvolvimento social e motor das crianças. Na sala dos professores quando falamos sobre essas turmas nos remetemos a essas crianças, usando o nome de “filhos da pandemia”, estes alunos fizeram com que os professores observassem e reavaliassem suas metodologias, usando o diálogo como uma das melhores maneiras de ensinar.

Assim, a proposta buscada por Lipman, no programa de filosofia para crianças, é de promover na educação uma troca de opiniões e o fortalecimento dos argumentos entre docentes e discentes, para que no futuro possam ser adultos democráticos e que possam lidar com os problemas de sua vida com mais independência, autonomia e segurança. O autor Brocanelli relata que *“a educação deve oferecer uma educação integral do homem, ou seja, técnica, humana e ética”*.

Logo, percebe-se que a filosofia juntamente com o diálogo constitui-se como um método fundamental durante o processo de aprendizagem do aluno, auxiliando no aprendizado, no partilhar ideias, sentimentos, pensamentos, valores, entre outros pontos que são essenciais no desenvolvimento emocional, psicológico e cognitivo do ser humano. E a educação infantil possui um importante papel para este processo de aprendizado, para muitos alunos o primeiro contato com pessoas que não é do grupo familiar se faz na escola.

A criança precisa socializar e dialogar com as pessoas que estão em seu convívio social desde o nascimento, por que existe uma necessidade, uma dependência de outra pessoa no começo da vida, que conforme o crescimento as mesmas estarão sendo estimuladas a desenvolver-se, sendo que, sozinha dificilmente conseguirão construir aptidões relacionadas ao desenvolvimento físico, intelectual e afetivo.

Neste sentido, os docentes da Educação Infantil, assim como os outros docentes que atuam nas outras áreas da educação, tem um papel muito importante em seu trabalho, que é a mediação, pois estão ajudando no desenvolvimento da criança. Porque é através da estimulação e da interação com o meio em que se vive que ocorre a construção da identidade da criança, sendo visível por meio de ações planejadas de forma consciente e intencional.

Em sala de aula inúmeras vezes, o docente está voltado apenas para as sombras, por que segundo a metáfora do mito da caverna platônica, não conseguem fazer a leitura do mundo, aqui me refiro é do mundo das crianças e em muitos casos desvencilhar-se de conceitos que foram pré-determinados.

Mas é importante perceber que os docentes são seres humanos e trabalham com um todo, vida pessoal e o ‘corre’ do dia a dia, e muitas vezes, certos momentos significativos passam despercebidos durante as aulas, por isso é necessário o professor ter um olhar atento e procurar perceber certos aspectos educacional, para não cair na mesmice.

A educação infantil necessita ser levada a sério, não se trata apenas de cuidar das crianças pequenas, é mais do que isso, é buscar novas experiências de vida, novos conhecimentos, é ensinar e aprender, e, além disto, é ajudar as crianças a construir uma identidade e autonomia.

Através das teorias de Lipman e Freire, surge a ressignificação do discurso pedagógico, em um sentido de compreender que o docente poderá ter uma formação que permita o diálogo a discussão, logo assegurando as possibilidades de (re)construção do conhecimento e da interpretação que propõem as teorias dos autores. Logo, este entendimento, caberia aos docentes uma hermenêutica das tradições, na qual poderão compreender sua própria experiência e vivências para que assim, possam contribuir na formação de opinião de seus alunos, com vista a criatividade, diálogo e criticidade.

Percebe-se a importância do auxílio dos instrumentos reflexivos de instâncias da hermenêutica, para auxiliar na dialogicidade e formação dos docentes, auxiliando o entendimento, voltado para uma educação do pensar crítico. Nesta proposta, o diálogo na educação resulta em traduzir para o mundo da vida vários conhecimentos que resultem do pensar e dialogar.

Se faz importante o desenvolvimento e o trabalho em sala de aula da filosofia com as crianças pequenas, pois possibilita refletir e perceber que todo ser humano é único e que ninguém é exatamente igual a ninguém. Sendo que, a partir das pesquisas bibliográficas e das experiências vivenciadas com os alunos na educação infantil, percebe-se que existe o diálogo e várias interações entre os alunos e docentes.

Geralmente, sugerem-se alguns “combinados” para que os alunos possam falar e ser escutados: levantar a mão para esperar sua vez de dialogar e fazer perguntas; existem muitas atividades, dinâmica que exigem o ato de esperar a vez, ouvir e falar. Assim, os alunos começam a respeitar o próximo. As rodas de conversas e contações de histórias possuem muitos significados e aprendizados, que são cheias de diálogos e necessitam de respeito e muita atenção; são nessas atividades que os combinados são pontuados.

Na escola, o diálogo entre docentes e discentes ocorre de um modo formal, quanto maior a idade da criança mais perguntas, quando começam a frequentar os anos iniciais em diante, percebe-se que muitos perdem o desejo de perguntar e voltam-se para o observar e usam o silêncio em constante frequências, não fazendo muitos questionamentos e acabam não expondo suas opiniões. Em muitos casos, os alunos apresentam dificuldades no aspecto de ouvir e escutar, pois, muitas vezes gostam de prestar atenção no assunto que são de seu interesse, deixando de lado outros que são de extrema relevância no processo de aprendizagem. Outro fator é a agressividade no diálogo e a falta de paciência para esperar sua vez, isso é constante na sala de aula.

Talvez poderia se fazer necessário, em vários casos, uma formação continuada que poderia auxiliar os docentes a lidar com certas situações que acontece em sala de aula,

principalmente com aquelas exceções que usam a agressividade nas palavras ao invés do diálogo, quem sabe a comunidade escolar no geral poderia ter mais paciência e serenidade uns com os outros e assim, poderão perceber que as falas e os diálogos das crianças são regados de afeto, carinho, compreensão, medo, curiosidade e desafios de um mundo cheio de questionamentos em que a maioria das crianças não são ouvidas. E, assim, poderíamos entender que vários alunos não possuem o hábito de dialogar com seus familiares. Tendo apenas a escola como meio de diálogo, que poderá auxiliar e sanar as dúvidas e também ajudar nas descobertas em seu dia-dia.

Quando o autor Paulo Freire (1999, p. 20) ressalta em seus estudos que aprendeu a dialogar em “uma roda de amigos”, com o intuito de desenvolver e harmonizar o equilíbrio e o respeito ao próximo, também transmitindo que a relação dialógica não anula o ato de ensinar, mas que completa o outro com o intuito de aprender.

Pensando na escola e na extrema importância de auxiliar os alunos a se desenvolverem diante do diálogo e de serem pessoas autônomas, o docente poderá pensar em um planejamento que desenvolva o interesse de estar entrelaçado a filosofia como apoio para auxiliar no aprender a dialogar em sala de aula. Por que assim, estarão envolvendo os alunos a serem mais participativos e compreensivos nos assuntos discutidos em sala de aula.

Um fator importante para desenvolver em sala de aula através do diálogo é a reflexão acerca dos objetivos do que se pretende dialogar. Mas para os docentes é através de formações ou durante as vivências em sala de aula, visto que os mesmos experienciam e desfrutam de várias questões que surgem ao longo do ano letivo, assim, poderão perceber até que ponto querem chegar com os alunos utilizando na prática a dialogicidade e quais as metodologias utilizadas que possam contemplar a classe. Pois, assim, os docentes poderão ter uma troca de conhecimento com os alunos utilizando o diálogo e o pensar como prioridade de ensino. Mas, para que ocorram aprendizagens significativas no currículo é preciso respeitar a faixa etária de cada aluno e principalmente, seus conhecimentos prévios, seus saberes, histórias e seu jeito individual de estar no mundo.

É fundamental que os docentes reflitam, estudem e busquem conhecimento sobre os conceitos de “filosofia”, “dialogar”, “criança” e “infância”, por que essas palavras possuem um grande significado na educação infantil, quando juntas poderão desenvolver um ensino que aborda o diálogo como algo positivo no desenvolvimento dos discentes e nas aprendizagens. Nessa proposta, a educação nos leva ao sentido de traduzir para o mundo da vida conhecimentos que nos chamam a dialogar, discutir, da produção e da pesquisa docente, e assim fugindo de padrões pré-estabelecidos, instituídos como algo a força na formação docente.

É necessário apresentar novas metodologias de aprendizagens em sala de aula, o programa de Matthew Lipman, Filosofia para crianças e o Pensar certo de Paulo Freire são fundamentais na formação do ser humano, em que poderão construir uma atitude crítica em relação ao mesmo. Partindo desta perspectiva, o dialogar e o pensar crítico poderiam se tornar algo importante da educação e dos professores em especial. Pois, assim, deixaria de crescer a flexibilidade das tradições impostas e das visões existentes, para que pensassem em novos caminhos e conhecimentos que poderá ser valioso, em uma educação de amor, respeito, carinho e compreensão na sociedade em que vive.

Cabe destacar que, embora existam muitas críticas de alguns estudiosos da área quanto às formações de professores do programa, Lipman diz que a profissão docente está sobre comprometimento com reflexões e ideias, na qual envolva a investigação dialógica e principalmente com o respeito a crianças. Logo o autor deixa evidente que os docentes e profissionais da educação, muitos possuem uma base sólida em conhecimento, com capacidades complexas e variáveis, assim como capacidade de coordenar atividades, demonstrando qualidades conforme aplicam sua prática docente em sala de aula, deixando utilizar e ajudando os discentes a pensar sobre o julgamento e o bom senso.

Logo, pensando em Freire, o autor traz diretamente em suas teorias uma educação dialógica com respeito, na qual deixa evidente que existe uma grande interação entre educador e educando e que entre eles possa haver uma autêntica comunicação e que um aprende com o outro, e assim, deixando claro que é através do diálogo e do conhecimento que o ser humano poderá transformar sua realidade e superar as relações de opressões que poderão ser encontradas durante a sua vida.

Então, se a educação é fundamental para a sociedade, no exercício de cidadania e também na passagem para a vida adulta, os docentes têm o seu protagonismo na ajuda de transformar o mundo. Mas por que no dia a dia este protagonismo precisa ser conquistado? Existem muitas lutas pelos seus direitos e os direitos à uma educação integral e de qualidade para as crianças, que seja além de um ensino, que seja um lugar com convívio dialógico, crítico, ético e reflexivo.

Pensando no diálogo, percebe-se a importância de ser explorado em sala de aula, pois o dialogar, quando posto em primeiro lugar, está ajudando na esfera do conhecimento tanto do professor/aluno e no processo pedagógico do docente. Pois é através do diálogo que acontece o momento grandioso do encontro entre aluno e professor, sendo assim um elemento imprescindível para uma prática educativa de qualidade com condição essencial para a formação e construção de um ambiente acolhedor na Educação Infantil.

Após analisar artigos, livros, vídeos que abordam o diálogo, o pensamento crítico e o pensar filosófico na educação infantil, entende-se que é recomendável rediscutir a docência na qual possa envolver as teorias de Lipman e Freire, no sentido de estar buscando novas referências, relativas ao filosofar e dialogar com crianças.

Portanto, este trabalho não tem a pretensão de encerrar a discussão, visto que sua verdadeira intenção foi de apenas tê-la instigado no cenário da educação infantil e da docência, abordando a filosofia, o diálogo e o pensamento como algo necessário em sala de aula.

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, Celso. **Piaget, Vygotsky, Paulo Freire e Maria Montessori em minha sala de aula**. São Paulo: Ciranda Cultural, 2008.
- BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Versão 2019. Disponível em: <<https://www.gov.br/mdh/pt-br/centrais-de-conteudo/crianca-e-adolescente/estatuto-da-crianca-e-do-adolescente-versao-2019.pdf>>. Acesso em: 15 fev. 2022.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil**/ Secretaria de Educação Básica - Brasília: MEC. SEB. 2010.
- BROCANELLI, Cláudio R. **Matthew Lipman: educação para o pensar filosófico na infância**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.
- FREIRE, Paulo. **Conscientização. Teoria e Prática da Libertação. Uma introdução ao pensamento de Paulo Freire**. São Paulo. Cortez & Moraes, 1979.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 19 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. 25 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança: Um reencontro com a Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- FREIRE, Paulo.; FAGUNDEZ, Antonio. **Por uma Pedagogia da Pergunta**: São Paulo: Paz e Terra, 2011.
- FREIRE. **A Educação na Cidade**. 4.ed. São Paulo: Cortez, 2000a.
- GIL, Antonio C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo, SP: Atlas, 2002.
- HENZ, Celso. I. **Razão-emoção crítico-reflexiva: um desafio permanente na capacitação de professores**. Tese (Doutorado em Educação). P.A: PPGEDU-UFRGS, 2003.
- HORN, Cláudia I. **Pedagogia do brincar**. 2 ed. Porto Alegre: Mediação, 2014.
- KOHAN, Walter. O.; LEAL, Bernardina.; RIBEIRO, Álvaro. (Orgs.). **Filosofia na escola pública**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2000.
- KRONBAUER, L. G. FILOSOFIA NA EDUCAÇÃO BÁSICA, PROFESSORES (AS) DE FILOSOFIA E SUA FORMAÇÃO. **Revista de Filosofia da UFN**. Santa Maria v. 9, p. 4-17, 2012.
- KRONBAUER, L. G. Professores(as) de Filosofia e sua Formação. In: Andreola, Balduino A.; Kronbauer, Luiz Gilberto; Orth, Miguel Alfredo; Pauly, Evaldo Luis. (Org.). **FORMAÇÃO DE PROFESSORES - da itinerância das universidades à escola itinerante**. 1ªed. Ijuí - R/S: UNIJUÍ - R/S, 2010, v. 1, p. 169-184.

KRONBAUER, L. G. Filosofia e Ensino como Experiência Hermenêutica. In: CEPPAS, Filipe; DE OLIVEIRA, Paula R.; DARDI, Sérgio. (Org.). **Ensino de Filosofia - formação e emancipação**. 1ªed.Campinas - S/P: Alínea Editora, 2009.

KRONBAUER, L. G. Problemas e Perspectivas na Formação de Professores(as) de Filosofia. In: EVALDO A. KUIAVA, Idalgo J., VANDERLEI, Carbobnara. (Org.). **Filosofia, Formação docente e Cidadania**. Ijuí: Editora Unijuí, 2008, v., p. 235-250.

LELEUX, Claudine. **Filosofia para crianças: o modelo de Matthew Lipman em discussão**. Porto Alegre: ArtMed, 2008.

LIPPMAN, Matthew. **A filosofia vai à escola**. Trad. de Maria Elice de Brzezinski Prestes e Lúcia Maria Silva Kremer. São Paulo: Summer, 1990.

LIPPMAN, Matthew. **O pensar na educação**. Trad. de Ann Mary Fighiera Perpétuo. Petrópolis, RJ: Summer, 1995a.

LIPPMAN, Matthew. **Luísa**. Trad. Ana Luiza F. Falcone, São Paulo: CBFC, 1995b.

OLIVEIRA, Ivanilde Apoluceno. A Dialogicidade na Educação de Paulo Freire e na Prática do Ensino de Filosofia com Crianças. **Movimento-Revista de Educação**, Niterói, ano 4, n.7, p. 228-253, jul./dez. 2017.

OLIVEIRA, Inês Barbosa de. "Sobre a democracia.". In: OLIVEIRA, Inês Barbosa de. (org.). **A democracia no cotidiano da escola**. Rio de Janeiro: DP&A: SEPE. (O Sentido da Escola), 2000.

O MITO DA CAVERNA. "A República" de Platão. 6º ed. Ed. Atena, 1956,. In: **Educar em Revista, Curitiba, Brasil**, n. 57, jul./set. 2015. Disponível em: <https://www.holos.org.br/assets/materiais/o_mito_mito_da_caverna_a00932df92d5f3cfc8699c93f91e1149.pdf>. Acesso em: 25 jan. 2023.

RAPOPORT, Andrea. **O dia a dia na educação infantil**. 2 ed. Porto Alegre: Mediação, 2014.

REDIN, Marita M. **Planejamento, práticas e projetos pedagógicos na Educação Infantil**. 3 ed. Porto Alegre: Mediação, 2014.

SAVIANI, Dermeval. **História das ideias pedagógicas no Brasil**. Campinas: Autores Associados, 2013.

SILVEIRA, Renê J. T. **Matthew Lipman e a filosofia para crianças: três polemicas**. Campinas, SP: Autores associados, 2003.

SILVA, Marta R. P.; MAFRA, Jason F. Apresentação. In: SILVA, Marta R. P.; MAFRA, Jason F. (Orgs). **Paulo Freire e a Educação das Crianças**. São Paulo: Acadêmica, 2020.

STRECK, Danilo R. **Dicionário Paulo Freire**. 3.ed., São Paulo: Autêntica, 2016.

TRIVIÑOS, Augusto. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

VÁZQUEZ, Adolfo S. **Filosofia da práxis**. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

ZITKOSKI, Jaime J; Diálogo. Dialogicidade. [verbete]. In: STRECK, Danilo; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime J. (Orgs.). **Dicionário Paulo Freire**. 2. ed. Belo Horizonte, MG: Autêntica Editora, 2016.